

ELIAS MANSUR NETO

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE MAÇONARIA



Quais são os segredos da Maçonaria?

Como são as reuniões maçônicas?

Como são selecionados os candidatos à iniciação?

O que houve realmente entre a Maçonaria e a Igreja
Católica no Brasil?

A Maçonaria e a História do Brasil

A Maçonaria no Terceiro Milênio

O *Manuscriptus Regius* datado de 1390

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE
MAÇONARIA

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Publicado por Editico Comercial Ltda.

R. Pedroso Alvarenga, 1046 • 9º andar • sala 95

Itaim Bibi • Cep: 04531-004 • São Paulo/SP

Tel: (11) 3706-1492 • Fax: (11) 3071-2567

e-mail:info@ieditora.com.br

Na internet, publicação exclusiva da iEditora:

www.ieditora.com.br



ELIAS MANSUR NETO

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE
MAÇONARIA

i©ditora

São Paulo - 2002

© 2002 de Elias Mansur Neto

Título Original em Português:

O que você precisa saber sobre maçonaria

Revisão:

Elina Correa Miotto

Capa:

Vivian Valli

Editoração Eletrônica:

Vivian Valli

ISBN 85-87916-43-2

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão, por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ao meu pai

Fala-se muito sobre maçonaria. Fala-se mal e fala-se bem. Esta instituição tem sido olhada pela população com um certo grau de desconfiança. É tida por alguns como uma seita. Por outros como bruxaria.

Fala-se pouco sobre a verdadeira história da Maçonaria. Sobre sua contribuição para o desenvolvimento político e social da humanidade. Sua contribuição para a liberdade dos indivíduos e das nações. Sobre o seu trabalho em favor da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Nosso objetivo ao escrever este livro foi o de expor o que é realmente a maçonaria, como está organizada e o que tem feito para transformar a sociedade.

O Autor

ELIAS MANSUR NETO é mestre maçom. Iniciado em 03/11/1970 na Loja Harmonia e Justiça, Ipatinga MG, filiada ao Grande Oriente do Brasil. Atualmente é membro da Loja Maçônica Cavaleiros Templários, Belo Horizonte MG, filiada ao Grande Oriente de Minas Gerais (GOMG).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I.....	13
HISTÓRIA E CONSOLIDAÇÃO.....	15
A ORGANIZAÇÃO.....	20
AS POTÊNCIAS MAÇÔNICAS	21
A MAÇONARIA NA INGLATERRA	21
A MAÇONARIA NA FRANÇA.....	22
CAPÍTULO II.....	25
AS PRINCIPAIS POTÊNCIAS FRANCESAS	27
A MAÇONARIA NO BRASIL.....	29
ELEIÇÕES PARA ESCOLHA DO GRÃO-MESTRE, VENERÁVEIS E DEPUTADOS	32
CAPÍTULO III	33
A HIERARQUIA MAÇÔNICA	35
OS RITOS DE TRABALHO.....	37
A REGULARIDADE MAÇÔNICA, SEUS PRINCÍPIOS E POSTULADOS.....	43
CAPÍTULO IV	49
OS POSTULADOS FUNDAMENTAIS ESTÃO SENDO RESPEITADOS?	51
O QUE É UM MAÇOM CLANDESTINO?	51
COMO LIDAR COM A MAÇONARIA CLANDESTINA	52
COMO LIDAR COM DESCONHECIDOS QUE SE APRESENTAM COMO MAÇONS.....	52
RECONHECIMENTO DE UMA LOJA PELA OUTRA	53
OS CANDIDATOS À ADMISSÃO.....	54
CAPÍTULO V.....	55
COMO UMA LOJA PODE SE TORNAR REGULAR	57
AS REUNIÕES MAÇÔNICAS	60
OS FINS SUPREMOS DA MAÇONARIA	63

SINAIS DE RECONHECIMENTO E PALAVRAS DE PASSE	64	
FILOSOFIA MAÇÔNICA PARA O CRESCIMENTO		
INDIVIDUAL.....	65	
OS PRINCIPAIS SÍMBOLOS MAÇÔNICOS.....	65	
VERDADES E MENTIRAS SOBRE A MAÇONARIA.....	66	
CAPÍTULO VI	69	
A MAÇONARIA E A IGREJA CATÓLICA	71	
A POSIÇÃO OFICIAL DA GRANDE LOJA UNIDA DA		
INGLATERRA SOBRE A RELIGIOSIDADE DA		
MAÇONARIA	74	
PERGUNTAS E REPOSTAS QUE ESCLARECEM	76	
CAPÍTULO VII	83	
A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA	85	
A MAÇONARIA E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.....	87	
A MAÇONARIA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA ...	90	A
MAÇONARIA E A CAUSA DA LIBERDADE.....	94	
A MAÇONARIA E A CAUSA DA PAZ.....	96	
A MAÇONARIA NO TERCEIRO MILÊNIO.....	98	
BIBLIOGRAFIA	100	
ANEXO I		
CARTA DE D. PEDRO I ORDENANDO O		
FECHAMENTO DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL....	103	
ANEXO II		
ATA DA SESSÃO MAÇÔNICA DE 09/09/1822 NO		
GRANDE ORIENTE BRASÍLICO.....	107	
ANEXO III		
RESUMO DO <i>MANUSCRIPTUS REGIUS</i> EM		
PORTUGUÊS.....	115	
ANEXO IV		
ORIGINAL DO <i>MANUSCRIPTUS REGIUS</i> EM INGLÊS		
ANTIGO.....	123	

INTRODUÇÃO

A Maçonaria é uma das instituições mais antigas que existem. Ao longo de toda a sua existência, tem desenvolvido ações para transformar o meio social em que atua. Reúne homens de todas as tendências políticas e religiosas. Possui em suas fileiras pessoas de todas as classes sociais e de todas as raças. Esta diversidade tem funcionado como uma oficina de idéias que mudaram o curso da história humana. Na idade média, organizou os trabalhadores em associações. Treinou artesãos, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, etc., não somente no que diz respeito à capacitação profissional, mas também quanto ao comportamento social e político.

O resultado de seu trabalho pode ainda hoje ser observado em obras monumentais, tais como: a Catedral de Notre Dame, a Torre de Londres, a Estátua da Liberdade, etc. Ao que diz respeito à liberdade das nações, sua participação foi de extraordinária importância, tanto para o Brasil como para o resto do mundo. Estes fatos foram amplamente confirmados, tanto na proclamação da independência do Brasil como na dos Estados Unidos da América do Norte. Sua contribuição foi também bastante significativa quanto à organização política e social, tendo sido decisiva sua atuação quanto à separação entre a Igreja e o Estado.

Outro fato digno de nota é que, no final do século XIX e

início do século XX, os esforços para a evolução social e política eram divididos entre os católicos conservadores, os liberais e os “cientificistas”. A igreja católica defendia o pensamento conservador e a maçonaria o liberal. A Igreja tinha nas mãos as escolas que educavam somente os ricos; a maçonaria agiu no sentido de mudar esta situação. Criou escolas noturnas e baixou o custo do ensino, tornando-o mais acessível às classes menos abastadas. Isto frustrou o objetivo da igreja que era manter *o status quo* da época, ou seja, impedir que o poder mudasse de mãos.

Para o leitor que queira se aprofundar mais no assunto, em algumas partes do texto, são mostrados, entre parêntesis, um número relativo à bibliografia consultada.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E CONSOLIDAÇÃO.

A ORGANIZAÇÃO.

AS POTÊNCIAS MAÇÔNICAS.

A MAÇONARIA NA INGLATERRA.

A MAÇONARIA NA FRANÇA.

HISTÓRIA E CONSOLIDAÇÃO

A origem precisa da maçonaria não é conhecida. Ao longo dos diversos séculos, nas diversas situações históricas, existiram várias organizações que se estruturaram de maneira parecida com a maçonaria, mas tinham outros nomes e até agora não se pôde estabelecer uma ligação clara com a maçonaria que conhecemos hoje. O que é bastante claro é que seus organizadores se inspiraram em organizações semelhantes que existiram num passado bem distante. Alguns autores afirmam que suas raízes estão na construção do Templo de Salomão (2). De fato, o mestre construtor do Templo organizou seu pessoal para o trabalho de maneira muito parecida com a maçonaria de hoje.

O texto bíblico nos dá conta de que o Rei Salomão não conseguiu mão-de-obra qualificada em Israel para construção do Templo. Foi então que recorreu ao seu colega Hirão, Rei de Tiro. Hirão atendendo o pedido de Salomão designou Hirão Abif, mestre na arte de construir. Hirão Abif assumiu a construção do templo e recrutou cerca de 153.600 trabalhadores fora das terras de Israel. Tendo em vista as diferentes aptidões e responsabilidades que iriam assumir na construção, “Hirão os dividiu em três categorias (II Crônicas 2.18 e Reis 5.15 e 16): 80.000 deveriam trabalhar nas montanhas extraíndo pedras; 70.000 transportariam as pedras

da montanha para o local da construção; 3.600 para construir o Templo, ensinar e inspecionar o trabalho.” (2)

Para que a organização funcionasse, Hirão chamou de Aprendizes os 80.000 que extraíam pedras da montanha; os 70.000 que levavam as pedras para o local da construção foram chamados de Companheiros; os 3.600 que trabalhavam diretamente na construção do templo, ensinavam e inspecionavam o trabalho foram chamados de Mestres. As Lojas maçônicas de hoje são constituídas basicamente por Aprendizes, Companheiros e Mestres. A comunicação entre Hirão Abif, Mestres, Companheiros e Aprendizes era feita por meio de sinais, toques e palavras, já que a maioria dos trabalhadores era constituída de analfabetos. Assim, para se identificarem, na hora de receber o pagamento pelas horas trabalhadas, os Aprendizes o faziam por uma palavra de passe, os Companheiros por uma outra e os Mestres por outra, de maneira que cada um fosse reconhecido de acordo com a sua qualificação profissional dentro da organização. Quem esquecesse palavra de passe, não conseguiria receber o pagamento. Os maçons de hoje também usam toques, sinais e palavras para se comunicarem dentro da organização.

A herança dos construtores do Templo de Salomão frutificou no oriente, onde organizações semelhantes foram criadas nos séculos seguintes. Do oriente tais organizações foram para o ocidente, mais precisamente para a Europa, onde ressurgem como maçonaria e se colocam ao lado de organizações de artesãos que se juntam aos ofícios francos, que tinham o pleno apoio da igreja, em contraposição aos juramentados que tinham que pagar impostos e se submeterem à fiscalização. A primeira referência ao nome Franco-Maçonaria foi encontrada nas atas das associações inglesas de artesãos, no ano 856 da era cristã.

“Os ofícios francos, com o pleno apoio da igreja, instalaram-se então nas quatro cidades francesas Bruges, Band, Audenarde e Alost. A pátria oficial dos ofícios francos era a França e sua língua oficial o francês; a maçonaria muda portanto de nome e passa a ser chamada de Franco-Maçonaria.”

Naquela época, a Franco-Maçonaria reunia todas as profissões e em especial os pedreiros, os quais conservaram a influência da igreja, elegendo para cada profissão o seu padroeiro; os maçons escolheram dois: São João Batista e São João Evangelista, para posteriormente se fixarem em São João da Escócia. Adotaram então sinais e palavras de passe, sendo que naquela época a maçonaria era profundamente cristã. Tal afirmação pode ser confirmada no *Manuscriptus Regius*, que se encontra no anexo IV deste livro.

A maçonaria que conhecemos no Brasil foi trazida da Europa, de modo que para conhecer suas origens, devemos primeiro estudar a maçonaria européia (inglesa e francesa principalmente). A Inglaterra merece uma atenção especial neste nosso estudo, porque foi lá que se agruparam os profissionais mais habilitados de toda a Europa, onde se intensificaram os trabalhos da maçonaria operativa. “Na Europa, os maçons operativos foram incentivados por Reis ávidos em construir as magníficas obras que surgiram na França e na Itália.” Começaram então a surgir Lojas, até que no ano 926 instalou-se a Grande Loja de York, sob a direção do Grão-mestre Príncipe Edwin (13). Nascia, portanto, a primeira potência maçônica com adequada hierarquia, para o exercício do poder. Vários príncipes e a nata da sociedade inglesa se fizeram iniciar nas Lojas de sua jurisdição; surge então a primeira Loja maçônica cercada de privilégios, quase idênticos aos da Família Real. “O próprio Rei Athelstan, pai de Edwin, e os papas não ocultavam o seu interesse protetor.” Parece que naquela época, era

sinal de prestígio ser maçom, pois os profissionais que construíram as magníficas obras de engenharia eram considerados pessoas mais inteligentes do que a média e, como tais, formadores de opinião; os poderosos tinham interesse em tê-los como amigos. A Loja em questão criou seus próprios códigos e constituição e distribuiu-os às demais Lojas da Europa.

No British Museum, em Londres, existe um documento conhecido como *Manuscriptus Regius*. Neste documento, datado de 1390, pode ser visto como funcionava a maçonaria operativa. Constam do referido documento as regras de comportamento no trabalho, na sociedade e até mesmo dentro da igreja na hora da missa.

As cantarias (canteiros) não eram constituídas apenas de pedreiros, mas de todo tipo de profissionais necessários para se levar a bom termo a obra contratada. A ligação entre a maçonaria e igreja era clara. Naquela época, o clero armava-se e entregava-se a conquistas, fazendo guerras e submetendo os povos. Quem visitar o Museu do Vaticano poderá apreciar registros históricos desses acontecimentos, retratados por artistas da época. Por este motivo os maçons buscaram a proteção do Rei Jaime II, em 1439; de Jaime V, em 1542. A maçonaria afastou-se da igreja por entender que ela não agia como verdadeira religião (13). Com o fim da guerra contra o oriente (cruzadas), as Lojas se multiplicam na Escócia e entram novamente na Inglaterra, onde se destacam a tal ponto que o Rei mandou vir da Itália grupos de maçons e os junta com os escoceses e ingleses (13). Nesta época a maçonaria começa admitir membros que não pertencem às associações de artesãos, inclinando-se para o campo especulativo. Organizações como a dos Rosa-cruzes, por exemplo, começam a ser aceitas e seus membros passam, então, a serem chamados de maçons aceitos.

Em 1694, quando Guilherme III é iniciado, a maçonaria ainda se conserva católica e fiel à Santa Igreja; pelos estatutos, os maçons teriam que ser fiéis a Deus e à Santa Igreja. Entretanto, começam as alterações nos estatutos, e a obrigação passa a ser: vosso primeiro dever é serdes fiéis a Deus e evitardes todas as heresias que não o reconheçam. É o primeiro passo para que a maçonaria surja autônoma e forte. Em 1703 a Loja de São Paulo decidia: “os privilégios da maçonaria já não serão, doravante, unicamente reservados aos operários construtores, mas, como já se praticava, estender-se-ão a todas as pessoas que dela queiram participar.”

Finalmente no dia 24 de junho de 1717 a maçonaria rende-se totalmente à Inglaterra que seria daquela data em diante sua protetora e incentivadora. São juntadas quatro Lojas (*The Goose and Gridiren, The Crow, The Aple Tree e The Rummer and Grapes*), surgindo a Grande Loja de Londres, sendo eleito como Grão-mestre Anthony Sayer. No ano seguinte foi eleito George Payne, que teve uma atuação invulgar juntando toda documentação existente sobre a maçonaria, formando o primeiro regulamento, o qual foi impresso em 1721. Surge então, no ano de 1723, a primeira constituição da maçonaria especulativa, produzida pelo pastor evangélico James Anderson.

A publicação do livro das constituições provoca logo uma reação desfavorável de outras Lojas que querem ser fiéis às antigas obrigações, surgindo assim o cisma dos Antigos e Modernos. Os oponentes, em 1753, fundaram a Grande Loja dos Maçons Francos e Aceitos consoante as velhas constituições ou Grande Loja dos Antigos Maçons, que perdurou até 1813, quando os maçons se reconciliaram, surgindo então uma única Grande Loja Unida dos Antigos Franco-Maçons da Inglaterra.

A ORGANIZAÇÃO

Para administrar um grande número de Lojas, numa determinada região, a maçonaria organizou-se em potências. Essas potências têm jurisdição sobre uma extensa área territorial que pode abranger um país inteiro. Ao se criar uma potência, cria-se três poderes, ou seja, o executivo, o legislativo e o judiciário, que são independentes entre si. O poder executivo é exercido por um mestre eleito pelas Lojas da jurisdição, que é chamado de Grão-Mestre. A Assembléia Legislativa também é presidida por um mestre eleito pelo voto direto dos deputados representantes de suas respectivas Lojas. Os dirigentes do poder judiciário são nomeados pelo Grão-Mestre. Cada país do mundo pode ter uma ou várias potências dentro de seu território. Cabe às potências administrarem as Lojas azuis, ou seja, as que são constituídas de aprendizes, companheiros e mestres (grau 3). Os maçons do grau 4 para cima, e que se organizam em Lojas Capitulares, por exemplo, são administrados pelos supremos conselhos.

A maçonaria produz suas próprias leis, pois, como já mencionado anteriormente, cada potência tem uma Assembléia Legislativa, constituída de representantes de Lojas de sua jurisdição. Assim sendo, uma potência com suas respectivas Lojas, é regida por uma constituição, que contém as leis necessárias para o funcionamento dos poderes executivo, legislativo e judiciário. Para a administração do dia-a-dia, existe um Regulamento Geral baseado nas leis contidas na constituição que rege a potência. As Lojas têm suas atividades baseadas na constituição, no Regulamento Geral e no Manual do Rito de Trabalho que escolheu.

AS POTÊNCIAS MAÇONICAS

Uma vez que a maçonaria é universal, ou seja, sua organização, sinais e palavras de reconhecimento são idênticos para todos os maçons, vamos falar somente das potências mais importantes localizadas fora do território brasileiro e daquelas localizadas dentro do nosso próprio território.

A MAÇONARIA NA INGLATERRA

A maior organização maçônica da Inglaterra hoje é conhecida como Grande Loja Unida da Inglaterra; possui mais de 300.000 membros que se reúnem em mais de 8000 Lojas. Esta potência administra todas as Lojas da Inglaterra sendo o seu rito de trabalho o EMULAÇÃO.

Com relação às Lojas localizadas em Londres, para facilitar sua administração, estas foram divididas em 21 grupos, sendo que cada grupo possui um chefe de Grupo, que é nomeado pelo Grão-Mestre. Cada grupo possui em média 80 Lojas e 30 Capítulos. Cada chefe de grupo tem aproximadamente 30 delegados para fazerem visitas às Lojas e Capítulos, ajudando-o na tarefa de bem administrá-las.

É muito grande o envolvimento social da maçonaria na Inglaterra. Lá, a instituição cuida dos maçons de idade avançada, possui escolas para educar os filhos dos maçons (sendo que algumas vêm funcionando desde o século XIX).

O envolvimento da Família Real com a Maçonaria, começou com o Príncipe de Gales (mais tarde Rei George IV) que foi eleito Grão-Mestre em 1790 e permaneceu no cargo até 1813. Para a sua instalação foi feito um trono especial, que fosse digno de um Rei. Este trono permaneceu em uso até 1932, sendo atualmente usado somente para instalação do Grão-Mestre. Mais cinco irmãos do Rei George IV se envolveram com a maçonaria. O mais atuante foi Augustus Frederick, Duque de Sussex (1773-1843); Augustus sucedeu seu irmão como Grão-Mestre em 1813, tendo permanecido no cargo até sua morte (1838). Participou ativamente dos esforços para a união das duas Grandes Lojas e se tornou o primeiro Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra. Esta potência, pelo seu alto padrão de organização e tradições, é tida como referência para a maioria das potências maçônicas do mundo.

A MAÇONARIA NA FRANÇA

Existem na França vestígios de uma Loja militar ligada ao Regimento “Real Irlandês” em 1688. Ao passar para a vida civil em 1752, ela adotou o nome “Perfeita Igualdade”. A primeira Loja de origem inglesa seria a “Amizade e Fraternidade”, fundada em 1721 em Dunquerque.

Uma assembléia de todas as Lojas inglesas e escocesas funda a primeira Grande Loja da França (GLDF), em 24 de junho de 1738. É dessa Grande Loja que nasceram todas as potências francesas atuais. No período de 1740 a 1770, surge na França uma grande quantidade de “altos graus”, que serão em seguida reagrupados em diferentes ritos.

Em consequência de dificuldades surgidas na época, a

grande maioria das Lojas francesas se reorganiza em 1773, surgindo daí uma nova potência: O Grande Oriente da França (GODF).

Às vésperas da revolução de 1789, existiam na França aproximadamente 1000 Lojas. Após o período de terror, em que numerosos maçons partiram para o exílio ou foram executados, houve um despertar das Lojas francesas, que cansadas de querelas tentam se reunificar. Em 1799, o Grande Oriente da França reúne numa federação a quase totalidade das Lojas. Somente algumas Lojas escocesas da Grande Loja da França se recusam a pertencer ao Grande Oriente da França. Em 1804 elas se reúnem e formam o Supremo Conselho da França. Outras tentativas de reunificação terão lugar em 1805 e em 1862, mas não vão adiante.

Em 1877, o Grande Oriente decide liberar as Lojas da obrigação de trabalhar à “Glória do Grande Arquiteto do Universo”, ou seja, os ateus poderão ser admitidos nas Lojas do Grande Oriente da França.

Em 1894, o Supremo Conselho da França acorda sua independência da Grande Loja da França, a qual passará a administrar as Lojas Azuis (do grau 1 ao 3), enquanto que o Supremo Conselho administrará as do grau 4 ao 33.

De 1893 a 1899 é fundada a Ordem Mista Internacional dos Direitos Humanos.

Em 1913, duas Lojas, “O Centro de Amigos” e a “Loja inglesa 204”, saem do Grande Oriente da França e fundam a Grande Loja Nacional da França (GLNF), que é imediatamente reconhecida pela Grande Loja Unida da Inglaterra.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os maçons são

perseguidos pelos nazistas e pelo governo de Vichy, época em que se esquece um pouco a questão da Regularidade. As lembranças destes sofrimentos vividos em comum estão ainda muito presentes na maior parte das velhas potências. Isto explica em grande parte as especificidades que podem parecer estranhas num país, onde a Franco-Maçonaria jamais tinha sido perseguida.

De 1945 a 1952, as Lojas de adoção maçônica feminina da França fundam a Grande Loja Feminina da França (GLFF).

Em 1958, irmãos da GLNF, em desacordo com o não reconhecimento de outras potências francesas, fundam a Grande Loja Tradicional Simbólica (GTLS).

Em situação inversa, em 1964, quase um terço das Lojas da GLNF desejam romper suas relações com o GODF, para poderem ser reconhecidas pela Grande Loja Unida da Inglaterra. Colocada em minoria, uma grande quantidade delas deixa a GDLF e se junta à GLNF. Depois disso, como era de se esperar, um certo número de Lojas independentes foram criadas. Isto foi possível devido à regra tradicional que diz que um mínimo de 7 mestres maçons pode fundar uma nova Loja. Em certos casos estas novas Lojas se reuniram e formaram novas potências, algumas vezes muito pequenas (GLMU, GLMF, GLUF...). Mas, enfim, o que era a Grande Loja de Londres em 1717, senão uma nova e pequena potência? Somente a história poderá julgar.

CAPÍTULO II

AS PRINCIPAIS POTÊNCIAS FRANCESAS.

A MAÇONARIA NO BRASIL.

ELEIÇÕES PARA ESCOLHA DO GRÃO-MESTRE, VENERÁVEIS
E DEPUTADOS.

AS PRINCIPAIS POTÊNCIAS FRANCESAS

GRANDE ORIENTE DA FRANÇA (GODF)

O GODF era constituído de 8000 Lojas e 40.000 irmãos em 1994. A maior parte das Lojas trabalha no rito francês. Já faz algum tempo que estão autorizadas a receber visitas de Lojas irmãs. O Grande Oriente da França (GODF) define-se como uma potência “progressista e não dogmática”. As Lojas do GODF em sua maioria sentem-se muito interessadas pelos “Negócios da Cidade”, ou seja, política no sentido etimológico.

GRANDE LOJA DA FRANÇA (GLDF)

A GLDF era constituída de 586 Lojas e 23.000 irmãos em 1994. A quase totalidade das Lojas da GLDF trabalha no rito Escocês Antigo e Aceito (REAA). A GLDF respeita todos os “postulados fundamentais” de 1723, mas três coisas impedem seu reconhecimento pela Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI);

1. Suas Lojas aceitam visitantes de outras potências francesas.
2. Proclama a existência de um “princípio criador” conhecido como “Grande Arquiteto do Universo

(GADU)”, mas não impõe a seus membros uma crença num Deus pessoal e revelado.

3. A GLUI não deseja reconhecer duas potências diferentes num mesmo país.

GRANDE LOJA NACIONAL FRANCESA (GLNF)

A GLNF era constituída de 400 Lojas e 15.000 irmãos em 1994. A GLNF é a única potência francesa reconhecida pela GLUI. Suas Lojas não aceitam visitantes de outras potências francesas. Entretanto não são proibidas de visitar as outras potências. Exige que seus membros tenham fé em Deus e uma orientação claramente teísta.

GRANDE LOJA TRADICIONAL E SIMBÓLICA (GLIS)

Eram 95 Lojas e 1650 irmãos em 1994. Saída da GLNF em 1958, a GLIS aceita visitantes oriundos de potências não reconhecidas pela GLUI. A maior parte de suas Lojas trabalha no rito Escocês Retificado.

A MAÇONARIA MISTA NA FRANÇA

Contrariando os postulados fundamentais da Ordem, foi criada na França, no período de 1893 a 1899, a Ordem Mista Internacional dos Direitos Humanos. Esta potência é constituída de homens e mulheres, tendo recebido o nome de Federação francesa da Ordem Mista dos Direitos Humanos (DH). Possuía, em 1994, 400 Lojas e 11.000 irmãos e irmãs. É a primeira potência mista do mundo. As Lojas da DH trabalham no REAA. Recebem visitantes de todas as Lojas Francesas.

A MAÇONARIA FEMININA NA FRANÇA

Entre 1945 e 1952, as Lojas de adoção maçônicas femininas da França fundaram a Grande Loja Feminina da França (GLFF). Eram 250 Lojas e 9.000 irmãs em 1989. As Lojas da GLFF trabalham geralmente no REAA. A maior parte destas Lojas aceita de vez em quando visitantes masculinos. As Lojas da GLFF são conhecidas por seu grande rigor ritualístico e seu engajamento nos negócios da cidade.

A MAÇONARIA NO BRASIL

Vinda do velho mundo, a maçonaria começou suas atividades no Brasil no ano de 1787, com a instalação da Loja Cavaleiros da Luz, na povoação da Barra, em Salvador, Bahia. Depois disto, uma série de eventos ocorre, tendo terminado na criação do Grande Oriente do Brasil – GOB (15).

CRONOLOGIA:

- **1800/1801** – É fundada no Rio de Janeiro, por maçons portugueses, a Loja União, posteriormente denominada Reunião, por terem a ela se filiado outros maçons, filiou-se em 1800 ao Grande Oriente Lusitano, separando-se mais tarde e filiando-se ao Grande Oriente da França.
- **1802/1807** – É instalada na Bahia a Loja Virtude e Razão.

- **1809/1812** – É fundada na freguesia de São Gonçalo, Niterói, a Loja Distintiva. Tinha como emblema um “índio vendado e manietado de grilhões e um gênio em ação de o desvendar e desagrilhoar”. Por ser republicana e revolucionária, foi denunciada e dissolvida, tendo os seus arquivos e alfaías lançados ao mar, nas alturas da Ilha dos Ratos.
- **1813** – É fundado, na Bahia, o primeiro Grande Oriente reunindo as Lojas Virtude e Razão, Humanidade e União, que fecharam suas portas devido à revolução de 1817.
- **1815** – Em 12/12/1815, na residência do Dr. João José Vahia, é instalada a Loja Comercio e Artes, tendo encerrado suas atividades pouco tempo depois.
- **1821** – O Grande oriente Lusitano obriga D. João VI a transferir a sede do seu governo do Rio de Janeiro para Lisboa.
- **1822** – Por indicação de Domingos Alves Branco, a Loja Comercio e Artes confere a D. Pedro, o título de “Protetor e Defensor Perpétuo do Brasil”.
- **1823** – Em 25/03, o Apostolado aprova o projeto da constituição brasileira e a 23/07 é fechado. Em 20/10, D. Pedro I proíbe as sociedades secretas no Brasil, sob pena de morte ou exílio.
- **1831** – O Grande Oriente do Brasil restabelece suas atividades em 23/11, as quais haviam sido encerradas em 1822. Para o cargo de Grão-Mestre foi eleito José Bonifácio

de Andrada e Silva. Em 12/11, é instalado o Supremo Conselho do Rito Escocês para o Brasil; seu primeiro Comendador foi Francisco Gê Acayaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha.

- **1832** – Existiam nesta época dois Grandes Orientes: o Grande Oriente do Brasil, presidido por José Bonifácio, com sede na atual Rua Frei Caneca; e o Grande Oriente Nacional Brasileiro, com sede na Rua dos Passos. Devido a uma cisão no Grande Oriente Nacional Brasileiro, surgiu uma outra potência, cujo Grão-Mestre foi o Marechal Duque de Caxias. As rivalidades existentes entre os grupos maçônicos da época levaram o Grande Oriente de Caxias ao fechamento, tendo inclusive sido despejado por dificuldades financeiras.

CONFEDERAÇÃO MAÇONICA DO BRASIL (COMAB)

Com a cisão ocorrida no Grande Oriente do Brasil, surge em 04/08/73 a COMAB. Desta cisão saíram várias potências estaduais pelo Brasil afora (14). Dentre elas, está o Grande Oriente de Minas Gerais (GOMG), que teve como seu primeiro Grão-Mestre Athos Vieira de Andrade.

É interessante observar que tanto o GOB quanto o GOMG seguem a mesma filosofia das Grandes Lojas Unidas da Inglaterra, que não se afastaram dos Postulados Fundamentais que proíbem a iniciação de ateus e mulheres.

CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL (CMSB)

Fundada na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1965, possui Lojas por todo o Brasil. Organizada praticamente

do mesmo modo que a COMAB é constituída de grandes orientes estaduais autônomos. Em Minas Gerais o Grande Oriente Estadual da CMSB é conhecido como Grande Loja do Estado de Minas Gerais (GLMG).

A CMSB é filiada à Confederação Maçônica Interamericana (CMI).

ELEIÇÕES PARA A ESCOLHA DO GRÃO-MESTRE, VENERÁVEIS E DEPUTADOS

A maçonaria azul é administrada por um Grão-Mestre que deve ser eleito pelo voto direto do povo maçônico. Os veneráveis (presidentes das Lojas) são eleitos pelo voto direto dos obreiros de suas respectivas Lojas, sendo que cada Loja elege o seu representante (deputado) à Assembléia Legislativa do Grande Oriente a que pertence.

CAPÍTULO III

A HIERARQUIA MAÇÔNICA.

OS RITOS DE TRABALHO.

A REGULARIDADE MAÇÔNICA, SEUS PRINCÍPIOS E
POSTULADOS.

A HIERARQUIA MAÇÔNICA

Inspirando-se na organização montada por Hirão Abif para a construção do templo de Salomão, a maçonaria organizou-se da seguinte forma:

A instituição enquanto ordem iniciática apresenta na iniciação vários princípios fundamentais. Considera que a verdade é alcançada através de um ensinamento gradual. Assim, a iniciação só se completa quando o iniciado atinge o grau 3, ou seja, quando o mesmo se torna mestre maçom.

Desta forma, existem 3 graus na maçonaria tradicional e universal. São eles:

- 1 – Aprendiz
- 2 – Companheiro
- 3 – Mestre

Em todos os ritos, em todos os países, estes três graus existem com as mesmas palavras e símbolos de reconhecimento. É isto que faz a universalidade da maçonaria. Estes três graus são a base da Franco-Maçonaria e são praticados dentro das Lojas.

Contudo, estes não são os únicos graus da maçonaria. Cada

sistema de rito acrescenta outros. Por exemplo, o rito escocês antigo e aceito totaliza 33 graus. Mas, atenção, os graus que vão de 4 a 33 são chamados “altos graus”. As obediências tradicionais não os administram. Não compete a elas. Outros organismos (Supremos Conselhos, etc.) os administram.

Para se ter acesso a estes altos graus, é preciso obrigatoriamente ser membro de uma Loja azul (Loja de grau 1 a 3) que pertença a uma potência regular.

Os altos graus são separados dos 3 primeiros pela constituição de Lojas especiais que praticam os graus 4 a 14, outras do 15 ao 18, etc., segundo uma hierarquia bem definida.

Os altos graus podem ser considerados como um aprofundamento do grau de mestre (grau 3). Os ingleses chamam os altos graus de maçonaria paralela.

Jamais veremos uma Loja que pratique do 1º ao 18º, por exemplo. Esta Loja não seria maçônica porque ela quebraria a iniciação que repousa sobre os 3 primeiros graus e a lenda de Hiram.

Na França, por exemplo, a iniciação não se completa rapidamente. Ali um maçom permanece de 1 a 3 anos como aprendiz, para que possa se habilitar ao grau de companheiro. Depois de companheiro ele levará de 1 a 3 anos para chegar a mestre. Em outros países, como nos Estados Unidos por exemplo, um “iniciado” pode se tornar mestre em 3 meses. Esta é uma prática normal nas diferentes obediências. Não existe teoricamente um sistema padronizado para se passar de um grau ao outro. Contudo, um conhecimento dos ritos, do simbolismo do rito praticado e da

Franco-Maçonaria em geral parece ser fundamental para se passar a mestre maçom. Vejamos agora os ritos mais praticados no mundo.

OS RITOS DE TRABALHO

RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO (REAA) – Este rito é muito antigo. Foi criado em torno de 1733 a 1735 na Inglaterra, onde, nesta época, existiam as Lojas de maçons escoceses. Surgem os primeiros mestres escoceses na Grande Loja em 1743 na França. O rito evoluiu e em 1801, em Charleston, nos Estados Unidos, tomou a forma que conhecemos hoje.

Este rito totaliza 33 graus, a saber:

LOJAS AZUIS

1. Aprendiz maçom
2. Companheiro maçom
3. Mestre maçom.

LOJAS DE PERFEIÇÃO

4. Mestre Secreto
5. Mestre Perfeito
6. Secretário Íntimo
7. Preboste e Juiz
8. Intendente da Construção
9. Mestre Eleito dos Nove

10. Ilustre Eleito dos Quinze
11. Sublime Cavaleiro Eleito
12. Grande Mestre Arquiteto
13. Cavaleiro do Real Arco
14. Grande Eleito da Abóboda Sagrada

CAPÍTULO

15. Cavaleiro do Oriente ou da Espada
16. Príncipe de Jerusalém
17. Cavaleiro do Oriente e do Ocidente.
18. Soberano Príncipe Rosa Cruz

AERÓPAGO (Assembléia dos Sábios)

19. Grande Pontífice
20. Mestre Ad Vita
21. Cavaleiro Prussiano
22. Príncipe do Líbano
23. Chefe do Tabernáculo
24. Príncipe do Tabernáculo
25. Cavaleiro da Serpente de Bronze
26. Príncipe de Mercê
27. Grande Comendador do Templo
28. Cavaleiro do Sol
29. Grande Escocês de Santo André da Escócia
30. Cavaleiro Kadosh

TRIBUNAIS

31. Grande Inspetor Inquisidor

CONSISTÓRIO

32. Sublime Príncipe do Real Arco.

SUPREMO CONSELHO

33. Sublime Príncipe do Real Segredo.

O Supremo conselho é uma assembléia presidida por um Grande Comendador. É constituída de 9 a 33 membros escolhidos entre os que possuem o grau 33.

RITO DE YORK – O rito de York é também chamado de rito americano. Ele designa o rito praticado nos Estados Unidos. É composto de 14 graus:

LOJAS AZUIS

1. Aprendiz
2. Companheiro
3. Mestre Maçom

CAPÍTULOS

4. Mestre dos selos
5. Past Máster
6. Excelentíssimo Mestre
7. Maçom do Arco Real

CONSELHOS

8. Mestre Real

- 9. Mestre Seletto
- 10. Super Excelente Mestre

COMENDADORIAS

- 11. Cavaleiro da Cruz Vermelha

CAMPOS

- 12. Cavaleiro de Malta

GRANDES COMENDADORIAS

- 13. Cavaleiro do Templo

GRANDES CAMPOS

- 14. Cavaleiro da Cruz Vermelha de Constantin

É comum que os que praticam o Rito de York pertençam igualmente aos altos graus do Rito Escocês Antigo e Aceito. Desta forma, nos Estados Unidos, um maçom terá o direito de ser Cavaleiro do Templo no Rito de York e Sublime Príncipe do Real Segredo do REAA.

RITO FRANCÊS TRADICIONAL – O Rito Francês Tradicional possui 7 graus. Foi criado em 1786 pelo grande capítulo geral. Este rito se articula em torno do simbolismo Rosa Cruz. É praticado atualmente no Grande Oriente da França. Mas, atenção, não confundir com o Rito Francês Moderno, dito também “Rito Francês de Groussier” que é uma variante bastante modificada dos 3 primeiros graus deste rito:

LOJAS AZUIS

1. Aprendiz
2. Companheiro
3. Mestres

PRIMEIRA ORDEM DE ROSA CRUZ

4. Mestre Eleito

SEGUNDA ORDEM DE ROSA CRUZ

5. Mestre Escocês

TERCEIRA ORDEM DE ROSA CRUZ

6. Cavaleiro Rosa Cruz

ROSA CRUZ

7. Soberano Príncipe Rosa Cruz

RITO EMULAÇÃO – Este rito é o oficialmente praticado pela Grande Loja Unida da Inglaterra. Não existem altos graus nesse rito. Contudo, numerosos são os maçons deste rito que pertencem a um Capítulo do Real Arco. Os dois ritos se completam harmoniosamente e numerosos são aqueles que acreditam que os graus do Arco Real são os altos graus do Rito Emulação. Vamos portanto apresentar os dois: O Rito Emulação diz respeito às Lojas azuis, ou seja, aprendiz, companheiro e mestre. O Rito do Arco Real diz respeito aos capítulos do arco real:

4. Maçom dos Selos
5. Past Máster
6. Excelentíssimo Mestre
7. Santo Arco Real

RITO ESCOCÊS RETIFICADO – O Rito escocês Retificado é um rito bastante inspirado na cavalaria templária. Foi criado em 1778 em Lyon na França. Encontra-se em sua origem o rito alemão dito da “estrita observância templária”. Este rito é sobretudo praticado na França pela Grande Loja Tradicional e Simbólica Ópera. É igualmente o rito original da Grande Loja Nacional Francesa, sendo no entanto recusado pelo Grande Oriente da França. Seus graus são:

LOJAS AZUIS

1. Aprendiz
2. Companheiro
3. Mestre Maçom

QUARTO GRAU SIMBÓLICO

4. Mestre Escocês de Santo André

ORDEM INTERIOR

5. Escudeiro Noviço
6. Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa

GRAUS NÃO PRATICADOS

7. Professo
8. Grande Professo

O rito Escocês Retificado é muito cavalheiresco. Ele tira da maçonaria sua essência templária.

A REGULARIDADE MAÇÔNICA, SEUS PRINCÍPIOS E POSTULADOS (13 E 6)

Para conservar intacta a sua organização, a maçonaria criou regras a serem seguidas por todos os maçons do mundo. Tais regras têm como base os seguintes postulados fundamentais:

- **PRIMEIRO:** os modos de reconhecimento são universais, não podendo haver qualquer variação.

A despeito das várias potências ao redor do mundo, os sinais de reconhecimento não variam. Assim um maçom, se estiver em estado de necessidade ou perigo, ao fazer um sinal de reconhecimento, poderá ser reconhecido por outro maçom em qualquer lugar do mundo.

- **SEGUNDO:** a maçonaria simbólica somente pode possuir três graus, ou seja: aprendiz, companheiro e mestre.

As Potências Maçônicas somente podem administrar as Lojas azuis, ou seja, aquelas que trabalham no primeiro, segundo e terceiro graus.

- **TERCEIRO:** a lenda do terceiro grau não pode jamais ser alterada.

Qualquer Loja, de qualquer potência ao redor do mundo, tem que estruturar o terceiro grau na lenda de Hiram.

- **QUARTO:** o governo da fraternidade deverá ser exercido por um oficial que a preside e tem que ser eleito pelas Lojas da jurisdição.

O Grão-mestre que administra qualquer potência maçônica tem que ser eleito pelo voto direto dos membros das Lojas maçônicas da jurisdição.

- **QUINTO:** o Grão-mestre tem o direito de presidir qualquer assembléia da fraternidade que esteja sob sua jurisdição, não importa onde ou quando a mesma venha a ser realizada.

- **SEXTO:** é prerrogativa do Grão-mestre conceder Dispensas de interstício para conferição de graus (em tempos anormais).

“O regulamento da maçonaria requer um lapso de um mês, ou determina outro período entre a apresentação do pedido e a aprovação do candidato; mas o Grão-mestre tem o poder de afastar ou dispensar tal período de prova e permitir que o candidato seja logo iniciado.”

- **SÉTIMO:** é prerrogativa do Grão-mestre dar autorização para fundar e manter Lojas.

“Baseando-se nesse Postulado, o Grão-Mestre pode conceder a um número suficiente de maçons o privilégio de reunir-se e conferir graus. As Lojas assim constituídas chamam-se LOJAS LICENCIADAS. São rigorosamente instrumentos

do Grão-Mestre, criadas por sua autoridade, com existência dependente de sua vontade ou disposição, e sujeitas, a qualquer momento, à dissolução, por ordem sua. Podem ter a duração de um dia, um mês, ou seis meses; mas, qualquer que seja o seu período de existência, o tempo concedido é devido somente ao beneplácito do Grão-Mestre.”

- **OITAVO:** é prerrogativa do Grão-Mestre fazer Maçons à vista.

O Grão-Mestre pode, com a presença de pelo menos seis outros maçons, sem exigência de qualquer prova anterior, mas com o candidato à vista, conferir-lhe grau, após o que dissolve a Loja e dispensa os irmãos.

- **NONO:** os maçons têm que obrigatoriamente congregar-se em Lojas.

Para se legitimar e agir, os maçons devem formar uma Loja e se reunir periodicamente.

- **DÉCIMO:** Uma Loja maçônica deve ser governada por um Venerável e dois Vigilantes.

A existência de uma Loja Maçônica somente será possível se tiver um Venerável (presidente), um Primeiro Vigilante (1º vice-presidente) e um Segundo Vigilante (2º vice-presidente).

- **DÉCIMO PRIMEIRO:** os trabalhos de uma Loja somente podem começar depois de se certificar que a mesma está perfeitamente coberta.

Os trabalhos somente começam quando o guarda externo avisa ao guarda interno que ele está a postos e que a entrada da Loja está bem guardada (por ele, guarda externo).

- **DÉCIMO SEGUNDO:** todo maçom tem o direito de se fazer representar nas reuniões gerais da confraria e de instruir seus representantes.

Os maçons têm o direito de se fazer representar nas Assembléias Gerais ou Grandes Lojas pelo seu venerável ou vigilantes, que falarão em seu nome.

- **DÉCIMO TERCEIRO:** todo maçom tem o direito de recorrer da decisão de uma Loja reunida para uma Grande Loja ou Assembléia Geral dos maçons.

- **DÉCIMO QUARTO:** todo maçom tem o direito de visitar uma Loja regular e nela tomar assento.

- **DÉCIMO QUINTO:** nenhum maçom desconhecido na Loja a ser visitada pode entrar sem antes ser examinado quanto às suas condições de maçom regular.

Caso haja algum maçom presente que o conheça, e que queira se responsabilizar por ele, o exame pode ser dispensado.

- **DÉCIMO SEXTO:** nenhuma Loja pode interferir nos assuntos de outra Loja, nem conferir graus a irmãos que sejam membros de outras Lojas.

- **DÉCIMO SÉTIMO:** todos os maçons estão sujeitos às leis e regulamentos da jurisdição maçônica em que residem, ainda que não sejam membros de nenhuma Loja regular.

- **DÉCIMO OITAVO:** para ser admitido na maçonaria o candidato tem de ser do sexo masculino, não mutilado, ter nascido livre e ser de idade adulta.

Este postulado não vem sendo obedecido por algumas potências francesas, onde existem potências maçônicas mistas e femininas.

- **DÉCIMO NONO:** nenhum candidato pode ser admitido na maçonaria se não acreditar em um Deus revelado, seja Ele Buda, Cristo, Jeovah, Maomé, etc.

Este postulado não vem sendo obedecido pelo Grande Oriente da França, que tirou da sua constituição a obrigatoriedade de um maçom crer em um Deus revelado.

- **VIGÉSIMO:** nenhum candidato que não creia numa ressurreição à vida futura pode ser admitido na maçonaria.

• **VIGÉSIMO PRIMEIRO:** em toda Loja regular, deverá haver um livro sagrado, para que os maçons possam prestar juramento. Não importa que seja a Bíblia, o Alcorão, o Livro dos mórmons, etc.

- **VIGÉSIMO SEGUNDO:** todos os maçons são iguais.

Este postulado significa que todos os maçons são irmãos e dentro do templo todos são iguais, porque são filhos de um mesmo pai. No mundo exterior cada um tem sua função e/ou posição, e por estas devem ser respeitados.

- **VIGÉSIMO TERCEIRO:** a nenhum maçom é permitido revelar os segredos da instituição.

Existe muita confusão a respeito deste postulado; muitos acreditam que devido a ele, a Maçonaria é uma sociedade secreta, o que não é verdade. A Maçonaria é uma sociedade que tem segredos, mas não é secreta. Não é secreta porque seus membros são conhecidos no meio social em que vivem. Seus locais de reunião são conhecidos pelas autoridades constituídas. Suas atas de constituição estão registradas em cartório.

- **VIGÉSIMO QUARTO:** a arte operativa dos pedreiros livres tem que ser sempre usada como ciência especulativa, transformando os instrumentos daquela arte em símbolos para ensinamentos morais.

Segundo este postulado, o nível, o prumo, o esquadro, o compasso, etc. encerram ensinamentos morais de grande importância.

- **VIGÉSIMO QUINTO:** este é o postulado culminante e segundo ele os POSTULADOS NÃO PODEM SER MUDADOS.

CAPÍTULO IV

OS POSTULADOS FUNDAMENTAIS ESTÃO SENDO
RESPEITADOS?

O QUE É UM MAÇOM CLANDESTINO?

COMO LIDAR COM A MAÇONARIA CLANDESTINA.

COMO LIDAR COM DESCONHECIDOS QUE SE APRESENTAM
COMO MAÇONS.

RECONHECIMENTO DE UMA LOJA PELA OUTRA.

OS CANDIDATOS À ADMISSÃO.

OS POSTULADOS FUNDAMENTAIS ESTÃO SENDO RESPEITADOS?

Como já mencionado anteriormente, alguns postulados importantes não estão sendo respeitados. Destacam-se o 18º e o 19º. O décimo oitavo não vem sendo respeitado, principalmente, pela maçonaria francesa, que há muito vem admitindo mulheres. Quanto ao décimo nono, o Grande Oriente da França, em desrespeito a este postulado retirou de sua constituição a obrigatoriedade de se crer num Deus revelado como condição essencial para que alguém possa ser feito maçom.

A rigor, somente a Grande Loja Unida da Inglaterra e as potências por ela reconhecidas respeitam 18º e o 19º postulados.

O QUE É UM MAÇON CLANDESTINO?

É um membro de uma organização maçônica que não mantém relações com a Franco-Maçonaria. Como exemplo citamos os membros de numerosas Tríades Chinesas, dos Carbonari, etc... Simplificando, é clandestino qualquer membro de organizações que se dizem maçônicas, mas que não possuem os três graus e

não exaltam a personalidade de Hiram. Os maçons regulares não deveriam jamais considerar estes membros como irmãos (HAFFNER, *Regularity of origin*, p. 119).

Na terminologia maçônica, “clandestino” é um antigo termo retirado do nosso ritual de tradição oral. Este ritual foi padronizado quando da junção das duas Grandes Lojas Inglesas “antigos” e “modernos”, em 1813.

COMO LIDAR COM A MAÇONARIA CLANDESTINA

REGRA Nº 1 – Nenhum mestre maçom deve manter relações com uma Loja clandestina ou ilegal, nem se comunicar na linguagem maçônica com um maçom clandestino.

REGRA Nº 2 – Todos os maçons da jurisdição estão sujeitos a reprimendas, suspensão ou exclusão por toda violação dos Postulados Fundamentais, das constituições e regulamentos gerais da potência a que pertencem e de outras leis maçônicas.

COMO LIDAR COM DESCONHECIDOS QUE SE APRESENTAM COMO MAÇONS

No Brasil, quando você deparar com alguém dizendo ser maçom, tentando com isto ganhar credibilidade, faça a ele a seguinte pergunta:

Qual é a sua Loja e em qual potência maçônica é filiada?

Se tal pessoa for maçom, ela dirá o nome e a localização de sua Loja, bem como o nome da potência a que pertence. Se a resposta não for GRANDE ORIENTE DO BRASIL, GRANDE LOJA ou COMAB, desconfie. Provavelmente esta pessoa não é maçom. Você deve pedir ainda sua identidade maçônica, que geralmente tem validade de, no máximo, 06 meses.

Pode ocorrer ainda de esta pessoa dizer que está momentaneamente afastada, devendo retornar numa época oportuna. Neste caso peça a ela o seu “Quite Placet” (documento que contém todos os dados necessários para identificá-lo como maçom inativo, mas regular). Se ele não tiver este documento, ou é um maçom irregular ou um mentiroso qualquer.

RECONHECIMENTO DE UMA LOJA POR OUTRA

Quando uma Potência maçônica reconhece a outra, ela reconhece a sua regularidade maçônica, sua autoridade e integridade territorial. Tal reconhecimento, na medida que é efetuado, deve ser mútuo. Quando um reconhecimento é concedido por uma Potência mais antiga (normalmente é uma Potência mais jovem que pede para ser reconhecida), as duas Potências se dizem estar em estado de amizade e em relações fraternais. O processo durante o qual uma potência reconhece a outra é, algumas vezes, precedido de um reconhecimento de suas diferenças (nos rituais, na organização...) se necessário for. O método mais usado para conferir regularidade a uma potência não reconhecida consiste

em submeter sua candidatura ao sufrágio de outras Lojas de uma potência reconhecida (HENDERSON, OP CIT, p.3).

OS CANDIDATOS À ADMISSÃO

Ninguém entra para a maçonaria sem ser convidado. Na realidade, a pessoa recebe um convite para se candidatar à admissão. Após a aceitação por parte do candidato, será aberto um processo que deverá durar no mínimo seis meses, para que a vida do candidato seja investigada. Se o resultado desta investigação revelar que o candidato é um cidadão “probo”, seu nome será submetido à aprovação de uma assembléia de mestres maçons. Caso seja aceito, o candidato será comunicado, através de seu “padrinho”, que também informará a data da iniciação.

CAPÍTULO V

COMO UMA LOJA PODE SE TORNAR REGULAR.

AS REUNIÕES MAÇÔNICAS.

OS FINS SUPREMOS DA MAÇONARIA.

SINAIS DE RECONHECIMENTO E PALAVRAS DE PASSE.

FILOSOFIA MAÇÔNICA PARA O CRESCIMENTO INDIVIDUAL.

OS PRINCIPAIS SÍMBOLOS MAÇÔNICOS.

VERDADES E MENTIRAS SOBRE A MAÇONARIA.

COMO UMA LOJA PODE SE TORNAR REGULAR

Cada potência maçônica define seus próprios critérios de reconhecimento. Estes critérios são os mesmos para todas as Lojas regulares que se reconhecem entre si.

A Grande Loja Unida da Inglaterra, potência que reconhece o Grande Oriente do Brasil, por exemplo, adotou os seguintes critérios para reconhecimento de uma potência ou Lojas de uma determinada potência, em 04/09/1929 (HAFFNER, OP, p.3). São eles:

1. Regularidade das origens: cada potência ou Loja deve ter sido devida e regularmente constituída por uma potência reconhecida ou por pelo menos três Lojas regulares.
2. A crença em Deus e sua revelação deve ser uma característica essencial para seus membros.
3. Todos devem ser iniciados com o livro da lei (A Bíblia, Alcorão, etc.) aberto e à vista, de maneira que signifique que a revelação constrange a consciência do indivíduo que está sendo iniciado.
4. Todos os membros da potência e de suas Lojas devem

ser exclusivamente homens; nenhuma Potência e suas Lojas devem manter relações com potências mistas ou organizações que aceitam mulheres.

5. A potência deve ser soberana sobre todas as Lojas de sua jurisdição. Deve ser responsável, autônoma e independente na sua maneira de governar. Deve ter uma autoridade incontestável sobre os trabalhos dos graus simbólicos (aprendiz, companheiro e mestre) de sua jurisdição. Não deve de nenhum modo dividir ou partilhar sua autoridade com um supremo conselho ou qualquer outra instância que exija algum controle ou supervisão sobre estes graus.

6. As três grandes luzes da Franco-Maçonaria são: o Livro da Lei (a Bíblia, Alcorão, etc.), o esquadro e o compasso. Estes devem sempre estar à vista quando a Loja trabalha, sendo que o livro da lei assume maior importância.

7. Toda discussão que envolva política ou religião é proibida em Loja.

8. Os princípios dos antigos postulados fundamentais, costumes e hábitos de trabalho devem ser estritamente observados.

É sobre esses princípios básicos que uma potência reconhece a regularidade de uma outra. As potências que seguem estes princípios podem estar certas que serão reconhecidas como regulares pela Grande Loja Unida da Inglaterra. Ao passo que outras que não seguem não serão. Com efeito, a história da maçonaria registra um exemplo de não reconhecimento: trata-se do não reconhecimento do Grande Oriente da França pela Grande Loja Unida da Inglaterra.

Durante o mês de março de 1874, a Grande Loja Unida da Inglaterra adotou três resoluções condenando o Grande Oriente da França, ou seja:

1ª RESOLUÇÃO – A Grande Loja Unida da Inglaterra constata com grande pesar que o fato de o Grande Oriente da França ter eliminado de suas constituições a crença no GADU (Grande Arquiteto do Universo – DEUS) está em contradição com as tradições, práticas e hábitos de todos os franco-maçons.

2ª RESOLUÇÃO – Esta grande Loja está ansiosa por receber com espírito fraternal toda Loja vizinha que esteja de acordo como os antigos Postulados da Ordem, cuja crença no GADU é o primeiro e mais importante dos Postulados e não pode reconhecer os irmãos que tenham sido iniciados nas Lojas que ignoram ou rejeitam esta crença.

3ª RESOLUÇÃO – Levando em conta as resoluções anteriores, nenhum venerável mestre (presidente) de uma grande Loja deve admitir irmãos de outras potências como visitantes, sem que antes:

a – Mostre um certificado provando que foi iniciado conforme os antigos ritos e as cerimônias de uma Loja que professa a crença no GADU, etc.

b – Ele próprio deve declarar reconhecer esta crença como um Postulado essencial à permanência na ordem (HAFFNER OP. CIT p. 9). Haffner, Past Deputado do Grão-mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra, observou numa obra Maçônica intitulada *Free masonry in Shagai And Northern China*, produzida

pelos irmãos Gratfton e Ivy, que uma interpretação das resoluções precedentes poderiam ser:

“...entretanto é evidente que nenhum irmão mostrando um certificado do grande oriente da França, cuja data seja após 1878, possa ser admitido em Loja trabalhando sob a constituição inglesa sem que antes declare sua fidelidade aos antigos ritos e antigas cerimônias que são praticadas segundo esta constituição.”

Por causa desta decisão tomada pelo Grande Oriente da França, sua pretensão de se tornar membro da maçonaria universal foi irremediavelmente perdida. Pouco depois desta ruptura com a Grande Loja Unida da Inglaterra, a maioria das Grandes Lojas regulares seguiu o exemplo inglês.

Oitenta e quatro anos mais tarde, em 1972, a Grande Loja Unida da Inglaterra reconheceu o Grande Oriente da Itália, considerando-o em conformidade com os princípios de reconhecimento de todas as Grandes Lojas regulares do mundo.

AS REUNIÕES MAÇÔNICAS

Para realização de uma reunião, é preciso que estejam presentes pelo menos sete mestres. Para abordagem mais aprofundada do assunto precisamos primeiro explicar como está organizada:

RITO: para realização da reunião é preciso definir um “Rito”. No nosso caso vamos trabalhar com o Rito de York.

VENERÁVEL: A reunião é presidida por um mestre que é chamado de “Venerável” pelos demais membros da reunião.

1º VIGILANTE: É o 1º Vice-presidente da Reunião.

2º VIGILANTE: É o 2º Vice-presidente da Reunião.

CAPELÃO: é o mestre que orienta o venerável, no sentido de que a reunião seja conduzida de acordo com as leis maçônicas. Na verdade é o guarda da lei; tanto das leis que regem a organização, como das leis morais que devem reger a vida dos maçons.

SECRETÁRIO: é o mestre responsável pelo registro escrito dos assuntos discutidos na reunião.

1º DIÁCONO: é o mestre que leva documentos, instruções, etc. do venerável para os demais membros da Loja.

2º DIÁCONO: é o mestre que leva instruções do 1º vigilante para os membros das colunas.

GUARDA EXTERNO: é o mestre que fica de guarda, na porta do Templo, para impedir que pessoas estranhas à ordem entrem ou permaneçam nas proximidades da porta do Templo.

Uma reunião maçônica normal, no primeiro grau, segue o seguinte roteiro:

A – ABERTURA RITUALÍSTICA

A reunião é aberta pelo venerável, segundo o rito que a Loja estiver trabalhando. Nesta parte o 1º Vigilante, após verificar que todos fazem corretamente o sinal do 1º grau, garante ao venerável que todos os presentes são maçons. Em seguida, o capelão abre o livro da Lei (a Bíblia ou o Alcorão, etc.) conforme ritualística e o 2º Diácono põe à vista o painel do 1º grau. Após o guarda externo informar que a porta do templo está devidamente guardada, o venerável dá início à reunião. A partir de agora nenhum irmão poderá passar de uma coluna para a outra, ou usar a palavra, sem a permissão do venerável. Esta parte dura aproximadamente 10 minutos.

B – LEITURA DA ATA DA REUNIÃO ANTERIOR

A pedido do venerável, o secretário lê a ata da reunião anterior. Após a leitura, o texto da ata é colocado em votação. Se aprovado, será assinado pelo venerável, o capelão e o secretário.

C – APRESENTAÇÃO DO EXPEDIENTE

O secretário dá conhecimento à Loja sobre as correspondências recebidas e os problemas a serem resolvidos na ordem do dia.

D – ORDEM DO DIA

Nesta parte são colocados os problemas que precisam ser resolvidos, os quais podem ser extraídos do expediente, ou quaisquer outros colocados pelos irmãos.

Uma pequena parte do tempo é reservada para palestras sobre assuntos diversos, cujo objetivo é educar e instruir os irmãos.

E – DOAÇÕES PARA A PRÁTICA DE FILANTROPIA

O venerável manda circular entre os irmãos uma sacola para recolher doações destinadas à prática de filantropia.

F – CONCESSÃO DA PALAVRA AOS DEMAIS MEMBROS DA REUNIÃO

Nesta parte o venerável concede a palavra a quem dela queira fazer uso para levantar questões sobre a Maçonaria ou questões particulares. A palavra é concedida em 3 momentos distintos, de maneira que possa haver a réplica, em caso de algum esclarecimento ter que ser dado ao irmão que fez uso da palavra num momento anterior.

H – ENCERRAMENTO RITUALÍSTICO

Após o capelão ter fechado o livro da lei, o venerável encerra ritualisticamente a reunião.

OS FINS SUPREMOS DA MAÇONARIA

Na idade média, quando a educação era privilégio dos nobres, a maçonaria, que funcionava como uma espécie de sindicato profissional, procurava educar os trabalhadores (artesãos, pedreiros, etc.) tanto profissional, como socialmente.

A rígida estrutura de classes da época, constituída de Reis, Nobres, Senhores Feudais, a Plebe e os Escravos, foi abalada pelos Sindicatos dos Pedreiros Livres (os maçons). Estes construtores

de Catedrais, Palácios, Pontes, etc. possuíam conhecimentos que a maioria das pessoas da época não tinham, pois a maçonaria era também uma escola, onde se ensinava a geometria, a arte de construir, o companheirismo, etc. A instituição vem transmitindo aos seus membros normas de conduta social baseada nos princípios da IGUALDADE, LIBERDADE E FRATERNIDADE, que na realidade são os fins supremos da maçonaria. Fiéis aos seus princípios, agindo sempre em busca de seus ideais de liberdade, Igualdade e Fraternidade, os maçons participaram dos acontecimentos que determinaram os rumos da história humana nos últimos séculos. Foi assim na luta pela independência dos Estados Unidos da América, na instauração da república de países latino-americanos (inclusive do Brasil), etc.

SINAIS DE RECONHECIMENTO E PALAVRAS DE PASSE

Talvez sejam estes os únicos segredos da maçonaria. A exemplo dos construtores do templo de Salomão que precisavam ter certeza de que estavam pagando os salários às pessoas certas, os maçons de hoje precisam de um sinal secreto para reconhecer uns aos outros; precisam de palavras de passe para participar das reuniões; precisam de sinais de socorro quando estão em perigo. Os maçons têm convicção de que seu ambiente é bom; de que suas leis são justas; de que suas conquistas têm que ser preservadas. Por isto possuem códigos secretos para se comunicarem e se reconhecerem. Cada um de nós, maçom ou não maçom, possui conquistas que devem ser preservadas. Por exemplo, ninguém revela a outrem a senha de sua conta bancária.

FILOSOFIA MAÇONICA PARA O CRESCIMENTO INDIVIDUAL

A maçonaria considera o aprendiz uma pedra bruta. À medida que ele vai assimilando os ensinamentos e vivenciando-os diz-se que a pedra bruta esta sendo polida. O maçom (pedreiro) deve praticar a arte de construir a si mesmo.

Na Maçonaria Azul, começa-se como aprendiz. Depois, à medida que o iniciado vai desbastando a pedra bruta, será promovido ao grau de Companheiro e finalmente a Mestre. A finalidade última de todo maçom é a sua própria evolução que, simbolicamente, significa construir um templo dentro de si mesmo.

OS PRINCIPAIS SÍMBOLOS MAÇONICOS

A Maçonaria é a ciência dos símbolos. Todos conhecemos o poder de comunicação dos símbolos. Os maçons operativos medievais davam às suas ferramentas um significado simbólico especial. Este simbolismo continua até hoje, sendo adotado pelos maçons especulativos. Ao que se refere à maçonaria azul (graus de aprendiz, companheiro e mestre), os principais instrumentos de trabalho são (1) o Esquadro, o Compasso, o Malho, a Régua e o Cinzel. Cada grau tem instrumentos que lhe são próprios. “O Malho e o Cinzel, por exemplo, advertem ao maçom que deve preparar sua mente para a recepção das grandes verdades, o Esquadro, o Nível e

o Prumo ensinam ao maçom para que medite sobre a importância que representa seu simbolismo, adaptando-se ao uso que lhes é próprio. O trabalho do desbaste da pedra bruta é examinado pelo Mestre. Depois de reconhecê-las perfeitas, coloca-as com cimento no lugar que lhes é destinado por meio da Trolha, a qual ensina a beleza pela prática do amor fraternal e da bondade, pois o cimento liga a todos os maçons por uma fraternidade comum.”

Uma Loja não pode ser considerada regular se não tiver uma Bíblia ou o Alcorão ou qualquer outro livro sagrado. Isto significa que o maçom não é ateu. Na construção do seu templo interior o maçom usa também a Trolha, o Nível e Prumo.

VERDADES E MENTIRAS SOBRE A MAÇONARIA

Talvez por ignorância, curiosidade doentia ou mesmo má fé, circulam muitos boatos sobre a maçonaria. Os inimigos da maçonaria aproveitam tais boatos para denegrir a imagem da Instituição (2). Vamos a eles:

MENTIRA

“Quando morre um maçom, o seu caixão pode ficar aberto até perto da meia-noite. Isso porque, um pouco antes daquela hora, a família ou os maçons que ali estiverem no velório, reservadamente, colocam dentro do caixão um pé de bananeira, e em seguida o fecham, substituindo assim o corpo do defunto, para que ele fique liberado para ser levado para o inferno pelo diabo, que já está esperando do lado de fora. E no dia seguinte só enterram sem

abrir a urna, o toco de bananeira, para não desapontar as pessoas que foram àquele funeral.”

VERDADE

Como a maçonaria não é uma religião, todo maçom tem o direito de ser enterrado conforme os ritos da religião que pratica.

MENTIRA

“Dentro do prédio da maçonaria tem um quarto escuro, onde existe, guardado lá, um bode preto muito grande.

E as pessoas, no dia que vão entrar para maçonaria, têm de montar nesse bode, que é o próprio diabo. Se o candidato cair da montaria, não serve para ser maçom.”

VERDADE

É realizada uma cerimônia onde o maçom faz um juramento, que pode ser assim resumido: trabalhar pela sua própria evolução espiritual, não renunciando jamais a prática do bem; ser um fiel seguidor das leis do país, estado e município onde reside; ser solidário com os irmãos de maçonaria e com seus semelhantes de uma maneira geral; crer num Deus revelado e na vida após a morte; não revelar os sinais de reconhecimento e as palavras de passe.

MENTIRA

“Também no Brasil, um dos maiores problemas jurídicos é a impunidade da classe alta, de pessoas que, às vezes, cometeram graves crimes contra a cidadania.

Não é encorajador saber que muitos ministros, juízes e deputados estão jurados com votos de sangue para protegerem os colegas de irmandade a qualquer custo.”

VERDADE

A maçonaria não tem preconceito de classe. Existem pobres, remediados e ricos em suas fileiras. Também existem padeiros, pedreiros, comerciantes, advogados, policiais, médicos engenheiros, operários, juizes, deputados, etc.

O maçom que agir contra a lei para proteger outro maçom será considerado traidor, pois terá traído o juramento que fez em sua iniciação.

Outros boatos maliciosos existem. Não vamos falar deles, pois somente os fatos nos interessam.

CAPÍTULO VI

A MAÇONARIA E A IGREJA CATÓLICA.

A POSIÇÃO OFICIAL DA GRANDE LOJA UNIDA DA
INGLATERRA SOBRE A RELIGIOSIDADE DA MAÇONARIA.

PERGUNTAS E RESPOSTAS QUE ESCLARECEM.

A MAÇONARIA E A IGREJA CATÓLICA

Por volta de 1390, conforme registrado no *Manuscriptus Regius* (ver anexo III e IV), o relacionamento entre a Igreja Católica e a Maçonaria era bom. Naquela época, a Maçonaria operativa prestava serviços a Igreja, construindo catedrais. O chefe de cantaria normalmente era um clérigo, que orientava os obreiros, inclusive nos assuntos religiosos.

No que se refere ao Brasil, no final do século XIX, os padres defendiam abertamente idéias liberais, identificando-se com os maçons da época. Em consequência, muitos deles foram admitidos na maçonaria, alguns com o consentimento e outros contando apenas com a tolerância de seus Bispos.

“A paz termina quando, numa homenagem prestada pelas Lojas maçônicas do Rio de Janeiro ao seu grão-mestre, Visconde do Rio Branco (7), registra-se um incidente de maior monta. O padre Almeida Martins, que também é maçom, se apresenta na cerimônia em seus trajes de sacerdote e faz um discurso de saudação, representando a Loja do Grande Oriente do Lavradio, recebendo, por isso, uma punição do bispo diocesano, D. Pedro Maria de Lacerda. Reincidente em sua atuação, é, então, suspenso das ordens sacras. Começa aqui uma guerra surda em que os maçons passam a

hostilizar a Igreja, enquanto esta, por seus bispos, age duro contra os religiosos renitentes na prática da maçonaria. Ocorre, então, um incidente mais grave. O bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, jovem de vinte e poucos anos, resolveu aplicar, na área sob sua jurisdição, as recomendações da Encíclica de 1864, do papa Pio IX, proibindo o clero de participar de cerimônias patrocinadas por maçons. O bispo chama particularmente cada um dos sacerdotes envolvidos e ordena-lhes que se dediquem tão somente à vida religiosa, afastando-se de atividades estranhas aos conventos. Encontrando oposição, D. Vital acabou por suspender as irmandades recalcitrantes, impedindo-as de receber novos membros, de participar de ofícios religiosos e até de vestir os seus hábitos. Algumas dessas irmandades recorrem ao Governo e D. Vital, por sua parte, recorre ao Papa que lhe dá poderes para agir com rigor contra os rebelados. Está formado o embrulho, provocado pela espúria união entre o Estado e a Igreja. O acordo entre o Governo e o Vaticano determinava que todas as bulas papais, para serem cumpridas no país, deveriam primeiro receber o execute-se do Governo brasileiro o que não acontecera com a Encíclica cujas recomendações o bispo insistia em aplicar. A crise agrava-se mais ainda quando o bispo do Pará, D. Antônio Macedo Costa, faz um protesto formal contra a maçonaria e se solidariza com D. Vital.

Foi a conta. O Governo apresenta ação criminal contra os dois religiosos, perante o Supremo Tribunal de Justiça, por desrespeito aos poderes do Império. Presos, os dois bispos são levados ao Rio de Janeiro, julgados e condenados a dois anos de prisão com trabalhos forçados, sendo instaurados processos também contra outros padres que lhes deram apoio. Isto ocorreu em 1º de julho de 1873 e só ao final da pena é que os dois bispos foram anistiados, por decreto do Gabinete presidido pelo Duque de Caxias. Mas o desastre já acontecera e seus efeitos são irremediáveis.”

Já no início do século XVIII, a maçonaria trabalhava no sentido de separar a igreja do estado; instituir o casamento civil; introduzir o sistema republicano de governo; instituir a liberdade religiosa, etc. As encíclicas papais que atacaram a Maçonaria explicitam estas questões:

O Papa Leão XII disse em sua encíclica de 13/03/1825 (13), “as obras sobre religião e sobre a república que seus membros ousam dar a luz à publicidade...” A semente da república estava sendo lançada; os líderes religiosos da época começaram a se preocupar com a possibilidade de perder o poder temporal.

O Papa Leão XIII em sua encíclica de 20/04/1884 (13) disse: “os maçons defendem a idéia de que os chefes do governo têm poder sobre o vínculo conjugal. Na educação dos filhos não há nada a lhes prescrever em matéria de religião. A cada um deles compete, quando estiver em idade, escolher a religião que lhe aprouver. Já em muitos países, mesmos os católicos, está estabelecido que fora do casamento civil não há união legítima”. Nesta encíclica, o papa protestava veementemente contra a maçonaria, por estar defendendo a liberdade de religião e a instituição do casamento civil. Isto poderia ser traduzido em perda de influência da igreja sobre os féis. Leão XIII também disse nesta encíclica que: “segundo os maçons, todo poder está no povo livre; os que exercem o poder só são detentores pelo mandato ou pela concessão do povo”. A mesma encíclica afirmava que o poder pertencia a DEUS, o qual transferiu à igreja a responsabilidade de governar, ou de indicar alguém que fosse capaz de fazê-lo. Esta questão é hoje traduzida pelo abuso da televisão que redundou na liberdade sexual, na degeneração da família, no poder atribuído ao dinheiro, etc.

Outro fato digno de nota, é que, no final do século XIX e início do século XX os esforços para a evolução social e política

eram divididos entre os católicos conservadores, os liberais e os “cientificistas”. A Igreja católica defendia o pensamento conservador e a maçonaria o liberal. A Igreja tinha nas mãos as escolas que educavam somente os ricos; a maçonaria agiu no sentido de mudar esta situação. Criou escolas noturnas e conseguiu diminuir o custo do ensino, tornando-o mais acessível às classes menos abastadas. Isto frustrou o objetivo da igreja, que era manter o *status quo* da época, ou seja, impedir que o poder mudasse de mãos. Do início do século XX até os dias de hoje não se tem notícias de grandes conflitos entre a Igreja Católica e a Maçonaria. Aliás, é interessante mencionar que entre os membros da maçonaria estão inúmeros católicos praticantes e evangélicos. Em 1984 após a publicação do novo código canônico, a Loja de Pesquisa Quatro Coroados de Londres fez uma pesquisa no Vaticano no sentido de saber como era vista a Maçonaria entre os Clérigos. O resultado mostrou que a maioria achava que somente a maçonaria que tinha tirado Deus de seus Postulados Fundamentais é que era condenável, ou seja, o Grande Oriente da França; não havia nenhuma restrição quanto à maçonaria que exigia que seus membros acreditassem em Deus. Entretanto, esta não era uma posição oficial, pois, não tinha a aprovação das autoridades religiosas do Vaticano.

A POSIÇÃO OFICIAL DA GRANDE LOJA UNIDA DA INGLATERRA SOBRE A RELIGIOSIDADE DA MAÇONARIA

Com relação aos recentes comentários sobre a Maçonaria e Religião e com referência aos estudos realizados por algumas

Igrejas sobre a possibilidade de conciliar a Maçonaria com o Cristianismo, a Comissão Board decidiu publicar a seguinte declaração, como complemento daquela anteriormente aprovada pela Grande Loja Unida da Inglaterra, no mês de setembro de 1962 e confirmada em dezembro de 1981.

ENUNCIADO FUNDAMENTAL

A maçonaria não é uma religião, nem um substituto da religião. Exige de seus adeptos a crença em um Ser Supremo do qual, sem dúvida, não oferece uma própria doutrina da fé! A maçonaria está aberta aos homens de qualquer fé religiosa. Durante os trabalhos em Loja é proibido discutir assuntos ligados à religião.

O SER SUPREMO

Os diversos nomes utilizados para indicar o Ser Supremo permitem aos homens de fé diferente unir-se em oração (destinada a Deus tal qual cada um deles o concebe), sem que o conteúdo destas orações possa ser causa de discórdia. Não existe um Deus maçônico. O Deus do maçom é o próprio Deus da religião por ele professada.

Os maçons têm um respeito mútuo pelo Ser Supremo, enquanto Ele segue sendo Supremo em suas respectivas religiões. Não é missão da Maçonaria tratar de unir credos religiosos diferentes; não existe, portanto, um Deus maçônico único!

O LIVRO DA LEI SAGRADA

A Bíblia, considerada por muitos Maçons como o Livro da Lei Sagrada, está sempre aberta durante os trabalhos em Loja.

OBRIGAÇÕES DOS MAÇONS

Os Maçons assumem obrigações jurando sobre o Livro da Lei Sagrada, ou sobre o Livro por eles considerado sagrado. O Maçom se compromete a manter em segredo os sinais de reconhecimento e seguir os princípios da Maçonaria. Os castigos físicos que são puramente simbólicos não têm caráter obrigatório. O compromisso de seguir os princípios da Maçonaria é forte!

COMPARAÇÃO ENTRE MAÇONARIA E RELIGIÃO

Não se encontra na Maçonaria nenhum elemento constitutivo de religião. A Maçonaria está muito longe de ser uma religião e é, totalmente, diferente. Sem interferir nas práticas religiosas, espera que seus adeptos sigam a própria fé e que ponham seus próprios deveres com Deus (em todos os nomes mediante os quais é Deus conhecido), acima dos demais. Os ensinamentos morais da Maçonaria são aceitos por todas as religiões. Desta forma, a Maçonaria favorece a religião.

Documento aprovado pela Grande Loja Unida da Inglaterra em 21 de junho de 1985.

PERGUNTAS E RESPOSTAS QUE ESCLARECEM (15)

Apresentamos a seguir uma série de perguntas e respostas publicadas pelo Grande Oriente do Brasil, em seu site na Web, que representam uma posição oficial da maçonaria e que serve para

complementar e ratificar parte do texto apresentado neste livro.

Vamos a elas:

O que é maçonaria?

É uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista.

É filosófica porque em seus atos e cerimônias trata da essência, propriedades e efeitos das causas naturais. Investiga as leis da natureza e relaciona as primeiras bases da moral e da ética pura.

É filantrópica porque não está constituída para obter lucro pessoal de nenhuma espécie, senão, pelo contrário, suas arrecadações e recursos se destinam ao bem estar do gênero humano, sem distinção de nacionalidade, sexo, religião ou raça. Procura conseguir a felicidade dos homens por meio da elevação espiritual e pela tranqüilidade da consciência.

É progressista porque partindo do princípio da imortalidade e da crença em um princípio criador regular e infinito, não se aferra a dogmas, prevenções ou superstições. E não põe nenhum obstáculo ao esforço dos seres humanos na busca da verdade, nem reconhece outro limite nessa busca senão a da razão com base na ciência.

Quais são seus princípios?

Seus princípios são a liberdade dos indivíduos e dos grupos humanos, sejam eles instituições, raças, nações; a igualdade de direitos e obrigações dos seres e grupos sem distinguir a religião, raça ou nacionalidade; a fraternidade de todos os homens, já que somos todos filhos do mesmo criador e, portanto, humanos e como consequência a fraternidade entre todas as nações.

Qual é o seu objetivo?

Seu objetivo é a investigação da verdade, o exame da moral e prática das virtudes.

Qual é o lema?

Ciência – Justiça – Trabalho. Ciência, para esclarecer os espíritos e elevá-los; Justiça para equilibrar e enaltecer as relações humanas; Trabalho por meio do qual os homens se dignificam e se tornam independentes economicamente. Em uma palavra, a Maçonaria trabalha para o melhoramento intelectual, moral e social da humanidade.

O que entende a Maçonaria por moral?

Moral é para a Maçonaria uma ciência com base no entendimento humano. É a lei natural e universal que rege todos os seres racionais e livres. É a demonstração científica da consciência. E essa maravilhosa ciência nos ensina nossos deveres e a razão do uso dos nossos direitos. Ao penetrar a moral no mais profundo da nossa alma sentimos o triunfo da verdade e da justiça.

O que entende a Maçonaria por virtude?

A Maçonaria entende que virtude é a força de fazer o bem em seu mais amplo sentido; é o cumprimento de nossos deveres para com a sociedade e para com a nossa família sem interesse pessoal. Em resumo: a virtude não retrocede nem ante ao sacrifício e nem mesmo ante a morte, quando se trata do cumprimento do dever.

O que entende a Maçonaria por dever?

A Maçonaria entende por dever o respeito e os direitos dos indivíduos e da sociedade. Porém não basta respeitar a propriedade apenas, mas, também, devemos proteger e servir aos nossos semelhantes. A Maçonaria resume o dever do homem assim:

“Respeito a Deus, amor ao próximo e dedicação à família”. Em verdade, essa é a maior síntese da fraternidade universal.

A Maçonaria é religiosa?

Sim, é religiosa, porque reconhece a existência de um único princípio criador, regulador, absoluto, supremo e infinito ao qual se dá o nome de GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO, porque é uma entidade espiritualista em contraposição ao predomínio do materialismo. Estes fatores, que são essenciais e indispensáveis para a interpretação verdadeiramente religiosa do UNIVERSO, formam a base de sustentação e as grandes diretrizes de toda ideologia e atividade maçônica.

A Maçonaria é uma religião?

Não. A Maçonaria não é uma religião. É uma sociedade que tem por objetivo unir os homens entre si. União recíproca, no sentido mais amplo e elevado do termo. E esse seu esforço de união dos homens admite em seu seio as pessoas de todos os credos religiosos sem nenhuma distinção.

Para ser Maçom é necessário renunciar à religião a qual se pertence?

Não, porque a Maçonaria abriga em seu seio homens de qualquer religião, desde que acreditem em um só Criador, o Grande Arquiteto do Universo, que é Deus. Geralmente existe essa crença entre os católicos, mas, ilustres prelados têm pertencido à Ordem Maçônica; entre outros, o Cura Hidalgo, Paladino da Liberdade Mexicana; o Padre Calvo, fundador da Maçonaria na América Central; o Arcebispo da Venezuela, D. Ramon Ignacio Mendez; Padre Diogo Antônio Feijó; Cônegos Luiz Vieira, José da Silva de Oliveira Rolin, da Inconfidência Mineira; Frei Miguelinho, Frei Caneca e muitos outros.

Quais outros homens ilustres que foram Maçons?

Filósofos como Voltaire, Goethe e Lessing; Músicos como Beethoven, Haydn e Mozart; Militares como Frederico o Grande, Napoleão e Garibaldi; Poetas como Byron, Lamartine e Hugo; Escritores como Castellar, Mazzini e Esplinger.

Somente na Europa houve Maçons ilustres?

Não. Também na América houve. Os libertadores da América foram todos maçons. Washington, nos Estados Unidos; Miranda, o Pai da Liberdade sul-americana; San Martin e O'Higgins, na Argentina; Bolívar, no Norte da América do Sul; Marti, em Cuba; Benito Juarez, no México e o Imperador D. Pedro I no Brasil.

Quais os nomes de destaque no Brasil que foram Maçons?

D. Pedro I, José Bonifácio, Gonçalves Ledo, Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Braz, Washington Luiz, Rui Barbosa e muitos outros.

O que a Maçonaria combate?

A ignorância, a superstição, o fanatismo, o orgulho, a intemperança, o vício, a discórdia, a dominação e os privilégios.

Então a Maçonaria é tolerante?

A Maçonaria é eminentemente tolerante e exige dos seus membros a mais ampla tolerância. Respeita as opiniões políticas e crenças religiosas de todos os homens, reconhecendo que todas as religiões e ideais políticos são igualmente respeitáveis e rechaça toda pretensão de outorgar situações de privilégio a qualquer uma delas.

A Maçonaria é uma sociedade secreta?

Não, pela simples razão de que sua existência é amplamente conhecida. As autoridades de vários países lhe concedem personalidade jurídica. Seus fins são amplamente difundidos em dicionários, enciclopédias, livros de histórias etc. O único segredo que existe e não se conhece senão por meio de ingresso na instituição são os meios para se reconhecer os maçons entre si, em qualquer parte do mundo.

Quais as principais obras da Maçonaria no Brasil?

A Independência, a Abolição da Escravatura e a República. Isto para citar somente os três maiores feitos da nossa história em que maçons tomaram parte ativa.

O que se exige dos Maçons?

Em princípio, tudo aquilo que se exige ao ingresso em qualquer outra instituição: respeito aos seus estatutos regulamentos e acatamento às resoluções da maioria, tomadas de acordo com os princípios que as regem; amor à Pátria; respeito aos governos legalmente constituídos; acatamento às leis do país em que viva, etc. E em particular: a guarda do sigilo dos rituais maçônicos; conduta correta e digna dentro e fora da Maçonaria; a dedicação de parte do seu tempo para assistir às reuniões maçônicas; a prática da moral, da igualdade e da solidariedade humana e da justiça em toda a sua plenitude. Ademais, se proíbe terminantemente dentro da instituição as discussões políticas e religiosas, porque prefere uma ampla base de entendimento entre os homens a fim de evitar que sejam divididos por pequenas questões da vida civil.

O que é um Templo Maçônico?

É um lugar onde se reúnem os maçons periodicamente

para praticar as cerimônias ritualísticas que lhe são permitidas, em um ambiente fraternal e propício para concentrar sua atenção e esforços para melhorar seu caráter, sua vida espiritual e desenvolver seu sentimento de responsabilidade, fazendo-lhes meditar tranqüilamente sobre a missão do homem na vida, recordando-lhes constantemente os valores eternos cujo cultivo lhes possibilitará acercar-se da verdade.

O que se obtém sendo Maçom?

A possibilidade de aperfeiçoar-se, de instruir-se, de disciplinar-se, de conviver com pessoas que, por suas palavras, por suas obras, podem constituir-se em exemplos; encontrar afetos fraternais em qualquer lugar em que se esteja, dentro ou fora do país. Finalmente, a enorme satisfação de haver contribuído, mesmo em pequena parcela, para a obra moral e grandiosa levada a efeito pelos homens. A Maçonaria não considera possível o progresso senão na base de respeito à personalidade, à justiça social e a mais estreita solidariedade entre os homens. Ostenta o seu lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” com a abstenção das bandeiras políticas e religiosas. O segredo maçônico, que de má fé e caluniosamente têm se servido os seus inimigos para fazê-la suspeita entre os espíritos cândidos ou em decadência, não é um dogma senão um procedimento, uma garantia, uma defesa necessária e legítima, porém como inevitavelmente tem sucedido com todo direito e seu dever corretivo, o preceito das reservas maçônicas já tem experimentado sua evolução nos tempos e segundo os países. A Maçonaria não tem preconceito de poderes e nem admite em seu seio pessoa que não tenha um mínimo de cultura que lhe permita praticar os seus sentimentos e tenham uma profissão ou renda com que possa atender às necessidades dos seus familiares, fazer face às despesas da sociedade e socorros aos necessitados.

CAPÍTULO VII

A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA.

A MAÇONARIA E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.

A MAÇONARIA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.

A MAÇONARIA E A CAUSA DA LIBERDADE.

A MAÇONARIA E A CAUSA DA PAZ.

A MAÇONARIA NO TERCEIRO MILÊNIO.

A MAÇONARIA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

A Maçonaria, como organização, teve participação modesta na Inconfidência Mineira. Dentre os inconfidentes, somente eram maçons José Álvares Maciel e o Cônego Luiz Vieira da Silva. Entretanto, a contribuição da Maçonaria para o movimento foi significativa quanto ao fornecimento de idéias.

Sebastião Cardoso, em seu artigo publicado no Boletim oficial do GOMG, relata que o primeiro passo para o início do movimento de libertação deste país foi dado pelo jovem estudante brasileiro, em Portugal, JOSÉ JOAQUIM MAIA, que se fez conhecer por VENDEK, quando em correspondência dirigida a Thomaz Jefferson, ministro americano, solicita apoio para o intento de muitos brasileiros em se libertar do jugo português (3). Thomaz Jefferson marcou o encontro com Maia, que se deu em 02/10/1786, defronte as ruínas de Nimes, ocasião em que o jovem brasileiro dirigiu-lhe as primeiras palavras: “Senhor! Eu nasci no Brasil. Vós ignorais a terrível escravidão que faz gemer nossa pátria. Cada dia se torna mais insuportável o nosso estado depois de vossa independência”. Thomaz Jefferson manifestou ser impossível o seu governo dar apoio, mas se a revolução se tornasse vitoriosa, por certo despertaria o interesse nos Estados Unidos.

Os companheiros de Maia, Domingos Vidal Barbosa e José

Álvares Maciel, cientes da entrevista, se preparavam para vir ao Brasil com Maia (quando este morreu) para exporem suas idéias e o plano para iniciar o movimento de libertação e, ao chegarem, deram vazão às suas intenções revolucionárias.

Acelera o desejo de liberdade. Cresce o entusiasmo pela chegada de José Álvares Maciel e Domingos Vidal Barbosa, logo atraídos pelos conjurados. Maciel estava com a cabeça cheia de idéias democráticas.

Tiradentes encontra-se com José Álvares Maciel, no Rio de Janeiro, que lhe relata as idéias dos estudantes brasileiros, fundadas no que se passava na Europa e nos Estados Unidos da América com a conquista de sua independência. Usando conhecimentos sobre Manufaturas e Mineralogia adquiridos na Europa, José Álvares Maciel despertou a atenção de Tiradentes sobre a possibilidade de se construir uma nação rica se os brasileiros adquirissem conhecimentos para transformar nossas matérias primas em produtos manufaturados, conforme consta do 4º depoimento de Tiradentes nos autos da Devassa (9).

Maciel manifestou a Tiradentes sua estranheza, pelo fato de a independência dos Estados Unidos não ter tido repercussão no Brasil, e emprestou-lhe um livro que versava sobre as leis dos Estados Unidos da América. Com o relato vibrante de suas idéias, Maciel conseguiu despertar em Tiradentes o interesse pelo movimento rebelde (3).

“A idéia de um levante em Minas com a possível adesão de São Paulo e do Rio, para a libertação do Brasil, imitando o exemplo dos Estados Unidos da América do Norte, aproveitando-se para tanto, do descontentamento do povo com o próximo lançamento

da derrama, foi concebida por Tiradentes, após sua entrevista com José Álvares Maciel, o que foi confirmado pelo próprio Tiradentes em seu quarto interrogatório e também por José Álvares Maciel, Freire de Andrada, Padre Rolim, Cônego Luiz Vieira, Padre Correa de Toledo e Melo e Padre Manuel Rodrigues da Costa” (7).

A contribuição da Maçonaria, portanto, se deu mais precisamente através de José Álvares Maciel, que estimulou Tiradentes com suas idéias de liberdade.

A MAÇONARIA E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

A maçonaria participou ativamente das ações que resultaram na independência do Brasil. Tanto é verdade que fatos a este respeito encontram-se registrados em atas de reuniões maçônicas da época (ver anexo II). Acrescenta-se a isto o fato de D. Pedro ter sido feito maçom e Grão-mestre do Grande Oriente Brasileiro.

Um dos artífices da Independência foi o maçom Joaquim Gonçalves Ledo, nascido no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1781 e falecido em 19 de maio de 1847 em sua fazenda no Sumidouro (10). Seu trabalho em favor da independência foi amplamente divulgado na época, através de seu próprio jornal, o *Revérbero Constitucional Fluminense*. Suas convicções e seu poder de convencimento atraíram José Bonifácio e D. Pedro para a causa da Independência.

Conforme registrado em ata, “na 14ª reunião maçônica,

no Templo da Loja Maçônica Comercio e Artes, no 20º dia do 6º mês maçônico, calendário praticado pelo Rito Adhorinamita” (09 de setembro de 1822), Joaquim Gonçalves Ledo que presidia a reunião do Grande Oriente Brasileiro fez um inflamado discurso sobre a necessidade de proclamar-se a independência do Brasil. Apresentou uma proposta no sentido de que fosse implantada no Brasil uma realza constitucional tendo como Rei, o príncipe regente, D. Pedro I. Tal proposta foi discutida e aprovada por unanimidade. No entanto, para a tomada de ações concretas, os irmãos presentes foram encarregados de divulgar tal decisão convidando outras províncias a aderirem, devendo tal proclamação ser refeita simultaneamente nas assembléias maçônicas de outras províncias que quisessem aderir. Isto ocorreu dois dias depois de D. Pedro ter feito a proclamação às margens do Ipiranga, ou seja, Ledo ainda não sabia do ocorrido em 7/9/1822.

“Quando D. Pedro chegou ao Rio e transmitiu a notícia de que havia proclamado a independência do Brasil, Gonçalves Ledo, no dia 14/09/1822 propôs à Assembléia Maçônica aclamar D. Pedro como – Augusto defensor Rei constitucional do Brasil – ao que Domingos Alves Branco, num aparte, gritado das colunas, ‘REI, NÃO! IMPERADOR’ cuja ovação estrondosa e calorosa aprovou a proposta.”

No dia 16 de setembro, Gonçalves Ledo apresenta a proclamação abaixo:

“Cidadãos!

*A liberdade identificou-se com o terreno americano:
a Natureza nos grita independência; a Razão o insinua;
a justiça o determina; a Gloria pede; resistir-lhe é crime,
hesitar é de covardes; somos homens, somos brasileiros.*

INDEPENDÊNCIA OU MORTE! Eis o Grito de Honra, eis o brado nacional, que dos corações assoma aos lábios e rápido ressoa desde as margens do corpulento prata, quase a tocar nas do gigantesco amazonas. A impulsão está dada, a luta encetou-se, tremam os tiranos, a vitória é nossa.

Coragem! Patriotismo! O Grande Pedro nos Defende: os destinos do Brasil são os seus destinos. Não consintamos que outras províncias mais do que nós demonstrem agradecidas.

Eis um passo, e tudo está vencido. Aclamemos o digno herói, o magnânimo Pedro, nosso primeiro IMPERADOR CONSTITUCIONAL. ESTE FEITO GLORIOSO ASSOMBRE A Europa e, recontado por milhares de cidadãos em todos os climas do universo, leve à posteridade o festivo anuncio da INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.”

A CRONOLOGIA DA INDEPENDÊNCIA (15)

- **1822** – Por indicação de Domingos Alves Branco, a Loja Maçônica Comercio e Artes conferiu a D. Pedro o título de “Protetor e Defensor Perpétuo do Brasil”. Outros acontecimentos importantes são registrados neste ano:
- **21/05** – Em plena sessão das cortes, em Lisboa, O maçom Monsenhor Muniz Tavares diz que “talvez os brasileiros se vissem obrigados a declarar sua independência de uma vez.”
- **02/06** – José Bonifácio funda a sociedade secreta Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz, mais conhecida como Apostolado, da qual faz parte D. Pedro, com o título de Arconte-Rei.

- **05/08 – 25/10** – Em 5 de agosto, com a dispensa do interstício, D. Pedro é exaltado ao grau de Mestre e a 14 de setembro é investido no cargo de Grão-mestre do Grande Oriente do Brasil.

Nos dias que se sucederam a maçonaria continuou suas atividades, como sempre foi, isto é, funcionando como uma oficina de idéias. Assim os maçons daquela época no Brasil (especialmente no Rio e São Paulo) estavam divididos entre monarquistas e republicanos. Gonçalves Ledo era republicano e José Bonifácio monarquista.

Estes posicionamentos ideológicos mais a luta pelo poder desencadeada entre os dois criou um clima de divisão no Grande Oriente Brasileiro. D. Pedro se sentia numa posição desconfortável, pois a maioria dos maçons estava com Ledo que era republicano.

A 4 de outubro Gonçalves Ledo recusa o título de Marquês da Praia Grande oferecido por D. Pedro.

A 21/10, o Grão-mestre D. Pedro I envia uma carta (ver anexo I), a Gonçalves Ledo, ordenando que suspenda os trabalhos do Grande Oriente do Brasil e a 25/10/1822 decreta o encerramento das atividades maçônicas; em consequência o grande Oriente Brasileiro é fechado e vários maçons são presos. Ledo foge para a Argentina.

A MAÇONARIA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

A instauração da república no Brasil foi uma obra exclusiva dos militares, tendo o povo sido mero espectador. O líder do

movimento, Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, era maçom. Deodoro foi o 13º Grão-mestre da Maçonaria brasileira. Foi iniciado em 20 de setembro de 1873 na tradicional Loja Maçônica ROCHA NEGRA, da localidade de São Gabriel, no Estado do Rio Grande do Sul.

Dos registros históricos da maçonaria (8), consta que, “na casa de Deodoro, reuniram-se no dia 11 de novembro de 1889, os maçons: Benjamin Constant, Aristides Lobo, Quintino Bocaiúva, Francisco Glicério, Rui Barbosa, Cel. Catuária, Major Frederico Sólton Ribeiro, Almirante Wanderkolk, Frederico Lorena e outros, ficando combinadas as medidas necessárias não sem um certo trabalho do incansável Irmão Benjamim Constant, que só após alguns esforços, conseguiu vencer os escrúpulos de Deodoro, pois este apenas era apologista da revolução que derrubasse o gabinete Ouro Preto, e só depois de ouvir longamente Benjamim Constant, que era a alma do movimento republicano, foi que deixou escapar as suas primeiras palavras em prol da REPÚBLICA: Eu respeito muito o Imperador, está velho e eu queria acompanhar-lhe o caixão ao cemitério, mas já que ele quer, faça-se a República.

Na manhã do dia 15 de novembro de 1889, Deodoro deu início às ações que destronaram D. Pedro II e levaram à instauração da república no Brasil. O ministro Ouro Preto avisou o Imperador sobre o movimento e, em seguida, tentou juntar forças para a resistência, reunindo, no pátio do Quartel General, no Campo de Santana, todo o destacamento policial ao seu alcance, e mais a Brigada de Infantaria, sob o comando do general Almeida Barreto, ficando a cargo de Floriano Peixoto (até então aparentemente legalista) comandar ambas as forças para o contra-ataque. Faltou disposição, tanto aos comandados, quanto ao comandante, para que esse contra-ataque se realizasse. As tropas rebeldes invadiram

o edifício do Ministério da Guerra, entre vivas e aclamações dos soldados que deveriam defendê-lo. Ali mesmo, após um diálogo ligeiro e ríspido, o Marechal Deodoro determinou a prisão do Visconde de Ouro Preto, dirigindo-se depois ao Arsenal da Marinha, para confirmar o apoio da Armada, consumando, assim, o golpe.”

Após instalação do Governo Provisório, nas primeiras horas do dia 15 de novembro de 1889, logo após a Proclamação da República, foi lançada, ao povo, a seguinte conclamação (8):

“Concidadãos!

O povo, o Exército e a Armada nacionaes, em perfeita comunhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas provincias, acabam de decretar a deposição da dinastia imperial e conseqüentemente a extincção do systema monarchico representativo.

Como resultado immediato desta revolução nacional, de character essencialmente patriótico, acaba de ser instituído um governo provisório, cuja principal missão é garantir a ordem publica, a liberdade e o direito do cidadão.

Para comporem este governo, enquanto a nação soberana, pelos seus órgãos competentes, não proceder a escolha do governo definitivo, foram nomeados pelos chefes do poder executivo os cidadãos abaixo assignados.

Concidadãos!

O governo provisório, simples agente temporario da

soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da ordem.

No uso das atribuições e faculdades extraordinarias de que se acha investido para a defesa da integridade da pátria e da ordem publica, o governo provisório, por todos os meios ao seu alcance, promete e garante a todos os habitantes do Brasil, nacionaes e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuaes e politicos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da pátria e pela legitima defesa de governo proclamado pelo povo, pelo Exército e pela Armada nacionaes.

Concidadãos!

As funções da justiça ordinaria, bem como as funções da administração civil e militar, continuarão a ser exercidas pelos orgams até aqui existentes, com relação aos actos na plenitude dos seus effeitos; com relação ás pessoas, respeitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funcionario.

Fica, porém, abolida, desde já, a vitaliciedade do Senado, e bem assim abolido o Conselho de Estado. Fica dissolvida a Camara dos Deputados.

Concidadãos!

O governo provisório reconhece e acata todos os compromissos nacionaes, contraidos durante o regimen anterior, os tratados subsistentes com as potencias estrangeiras, a divida publica externa e interna, os contractos vigentes e mais obrigações legalmente estatuidas.

[Ass.] Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório; Aristides da Silveira Lobo, ministro do Interior; Ruy Barbosa, ministro da Fazenda e interinamente da Justiça; tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da Guerra; chefe de esquadra Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha; Quintino Bocayuva, ministro das Relações Exteriores e interinamente da Agricultura, Commercio e Obras Publicas."

Obs.: Todos os signatários foram maçons.

A MAÇONARIA E A CAUSA DA LIBERDADE

É grande o comprometimento da maçonaria com a causa da liberdade. No século XVIII, grande parte de suas energias foram consumidas na elaboração, divulgação e implementação da idéia da LIBERDADE. Esta luta teve seu ápice na construção da grande nação americana, pelo maçom George Washington, seu primeiro Presidente. A estátua da liberdade é a síntese destas idéias. Foi construída por um maçom e inaugurada numa cerimônia maçônica. Eis um resumo da história:

O construtor da estátua da liberdade foi o maçom Frederic-Auguste Bartholdi (11). Ele já havia construído a estátua do maçom Marquês de Lafayette para a cidade de Nova Iorque, por ocasião do centenário da assinatura da declaração da independência americana.

Bartholdi tomou o navio para América por sugestão de outros maçons franceses, com o objetivo de elaborar o projeto da estátua.

Embora não dispusesse de material de desenho durante a viagem, seu biógrafo disse que quando ele entrou no porto de nova Iorque “Bartholdi teve a visão de uma deusa magnífica segurando uma tocha numa das mãos e com a outra saudava os recém chegados à terra da liberdade e da oportunidade.”

Retornando à França, com a ajuda de uma campanha em nível nacional feita pela maçonaria, levantou a quantia de 3.500.000 francos franceses, uma quantia muita grande para a época (1870). Para o rosto da estátua, escolheu o de sua própria mãe. A estrutura em que a estátua se apóia foi construída por Gustave Eiffel, o famoso construtor da Torre Eiffel.

O pedestal sobre o qual se apoiaria a estátua seria construído e financiado pelos americanos. Para tal, o navio “Bay Ridge” levou para a ilha de Bedloe (onde hoje está erguida a estátua) cerca de 100 maçons, onde o principal arquiteto do pedestal, o maçom Richard M. Hunt, entregou as ferramentas de trabalho aos maçons construtores.

O maçom Edward M.L. Ehlers, Grande Secretário e membro da Loja Continental 287, de Nova York, leu a seguinte lista de itens a serem incluídos na caixa de cobre que seria enterrada sob pedra fundamental: uma cópia da constituição dos Estados Unidos, o discurso de despedida de George Washington, 20 medalhas de bronze com figuras dos ex-presidentes dos Estados Unidos (incluindo Washington, Monroe, Jackson, Polk, Buchanan, Jhonson e Garfield, que eram maçons), cópias de jornais da cidade de Nova York, um retrato de Bartholdi, uma copia do poema *Liberdade* de E.R. Johnes; e um pergaminho contendo os nomes dos Oficiais da Grande Loja de Nova York. A pedra fundamental foi então assentada conforme ritualística maçônica própria para estes eventos.

As peças que iriam compor a estátua chegaram ao porto de Nova York em junho de 1885; foram montadas sobre a estrutura construída por Gustave Eiffel, tendo a estátua sido inaugurada em 28 de outubro de 1886. O Presidente Grover Cleveland (maçom) presidiu a cerimônia e o maçom Bispo Episcopal de Nova York fez a invocação. O maçom Bartoldi retirou a bandeira francesa do rosto da estátua. O principal orador da cerimônia foi o maçom Chauncey M. Depew, senador dos Estados Unidos.

A MAÇONARIA E A CAUSA DA PAZ

A maçonaria é universal. Coloca o sentimento de fraternidade acima das diferenças religiosas, de raça, e da política. A maior aspiração da Maçonaria é a unidade humana. Combate a ignorância, a pobreza e tudo que desune e desagrega. Uma de suas contribuições mais significativas para a causa da paz é a defesa da liberdade religiosa. As guerras religiosas são sobejamente conhecidas: católicos contra protestantes na Irlanda, hindus contra muçulmanos na Índia, muçulmanos contra cristãos (que culminou no atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos), etc.

A Maçonaria não somente acolhe todas as religiões em seu seio, como também tem exemplos concretos de luta contra a intolerância religiosa.

Jayro Boy, em seu livro *A Fantástica História da Maçonaria*, diz que o Reverendo Matias Gomes dos Santos, ao ser ordenado

ministro no Rio de Janeiro foi designado para o arraial do Alto Jequitibá, Minas Gerais, e lá esteve como pastor de 1901 a 1905.”
(2)

No exercício de seu ministério, em Alto Jequitibá, “enfrentou várias dificuldades e perseguições. Em entrevista ao Jornal *O Puritano*, disse que o Padre Lucas Evangelista de Barros estava decidido a impedir a entrada do evangelismo em Manhuaçu, Minas Gerais, e o Capitão Pedro Faria trataria de extingui-lo em Jequitibá e arredores.” Estava sendo tramada sua expulsão e a destruição do imóvel onde funcionava a igreja evangélica. A data marcada para o evento seria o dia do embarreamento de uma Igreja Católica que estava sendo construída na região.

O Reverendo Matias Gomes recorreu então a seu amigo, Rev. Álvaro Reis, expoente máximo do evangelismo nacional, que era maçom, grau 18. O Reverendo Álvaro pediu ao Grande Oriente do Brasil que mandasse uma carta à Loja Maçônica de Manhuaçu, “determinando que os maçons daquela cidade se colocassem ao lado da Liberdade de culto e garantissem o direito de permanência da igreja evangélica em Jequitibá.” O Grande Oriente do Brasil agiu imediatamente e enviou a carta pedida.

Na data marcada para o embarreamento da dita Igreja, “a polícia ocupou de madrugada as duas únicas entradas do arraial de Jequitibá. Logo nas primeiras horas foram chegando os convidados para o mutirão de embarreamento. Um por um foi desarmado, antes de entrar no arraial e, assim, puderam ver que tinham contra si as autoridades policiais e dessa forma a situação deles se tornara insustentável, e começaram a desertar”.

Portanto, coerente com seus ideais de liberdade, a maçonaria

deu sua contribuição para que a liberdade de culto fosse garantida naquela região do Brasil.

A MAÇONARIA NO TERCEIRO MILÊNIO

Nem tudo vai bem na maçonaria. Temos muitos problemas que precisam ser resolvidos. Estamos passando por um período de baixa produtividade. Estamos influenciando muito pouco para melhorar o mundo em que vivemos. Nossas leis não são suficientemente duras com os que erram, por isso, temos convivido com muitos maus maçons. A maçonaria precisa ser reformada, e esta reforma tem que começar pelo atual processo de seleção dos candidatos à iniciação. Será preciso maior rigor quanto aos itens relativos ao caráter, probidade, comportamento social, etc. As leis maçônicas que tratam do comportamento de seus membros na vida maçônica também têm que ser endurecidas. Os maus maçons têm que ser expulsos com maior rapidez e menos burocracia.

Precisamos de maior zelo quanto ao cumprimento das leis maçônicas. Nossa instituição tem que continuar sendo o que sempre foi: educativa por excelência. Os itens pontualidade, frequência, adimplência, tolerância, e fraternidade têm que ganhar maior atenção dos que dirigem as Lojas. O comportamento maçônico tem que servir de exemplo para a sociedade com mais vigor do que tem sido até agora. Os maçons operativos do século XIV trataram estas questões com muita seriedade, conforme pode ser visto no documento intitulado *Poema dos Deveres Morais*, que consta do anexo III.

Será que já não chegou a hora de repensarmos os postulados fundamentais? Por que não aceitamos mulheres? A aceitação de mulheres poderia aumentar a união entre nós e todas as potências que seguem a maçonaria francesa, por exemplo. Precisamos eliminar tudo que divide e aceitar tudo que une; temos muito a contribuir para a unidade humana. Temos que fortalecer o princípio da diversidade e continuar acolhendo pessoas de todas as raças, de todos os credos religiosos, de todas as nacionalidades. Temos que fortalecer a fraternidade entre os povos, aprendendo a administrar mais equilibradamente o sentimento nacionalista, que tantas guerras tem causado nos milênios que passaram.

Precisamos olhar mais para fora de nossa instituição e nos engajarmos mais em obras sociais, dando a nossa contribuição para diminuir a fratura social que tantos sofrimentos tem nos causado. Podemos ajudar a diminuir a exclusão investindo na formação técnica de nossa juventude, capacitando-a para as novas vagas que surgirão no mercado de trabalho deste novo século.

BIBLIOGRAFIA

(01) **ASLAN, Nicola.** *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*. Rio de Janeiro, Artenova, 1994. v. 2.

(02) **BOY, Jayro.** *A fantástica História da Maçonaria*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial.

(03) **CARDOSO, Sebastião.** *Boletim Oficial do GOMG* no 05/98, página 13.

(04) **CARDOSO, Sebastião.** *O Dia do Maçon*. Palestra proferida em 22/08/01, para os membros da Loja Maçônica Cavaleiros Templários.

(05) **CARLO, Elias M. de.** Tradução do *Manuscriptus Regius* do francês para o português.

(06) **CARVALHO, João Alberto.** *Redação do Regulamento Geral do GOMG*.

(07) **CARVALHO, João Alberto.** *Tiradentes*. Artigo publicado no boletim oficial do GOMG, número 03/98.

- (08) **CASTELLANI, José.** *Artigos e Documentos Históricos.*
<http://www.castellani.com.br>
- (09) **DIMAS, Perrin.** Depoimentos de Tiradentes (Transcrição integral). Belo Horizonte, Nova República, 1992.
- (10) **FONSECA, Geraldo Ribeiro da.** *EQUÍVOCO HISTÓRICO PARA OS MAÇONS VERDADE MANTIDA PARA OS PROFANOS.* Boletim oficial do GOMG, no 05 de 05/10/01.
- (11) “CATHOLIC RESTORATION” Vol. v, no 1 First Quarter, 1995 Pages 32-47. “Father” Donald Sanborn (2899 East Big Beaver Road, Suite 308, Troy, MI 48083-2400 USA).
- (12) **MASONICSITES.ORG** – Site na WEB das Grandes Lojas do Estado da Carolina do Norte. USA. Endereço: <http://masonicsites.org/>
- (13) **RIZZARDO, Camino da.** *Introdução à Maçonaria – História Universal.* 3ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Aurora. v. 1.
- (14) **SCHÜLLER, Otacílio Sobrinho.** *Uma Luz na História: a formação e o sentido da COMAB.* Florianópolis, Cultural PRUMO Ltda, 1998.
- (15) Website Oficial do Grande Oriente do Brasil.

ANEXO I (8)

CARTA DO GRÃO-MESTRE D. PEDRO I,
ORDENANDO O FECHAMENTO DO GRANDE
ORIENTE.

COMENTADO POR JOSÉ CASTELLANI

A carta enviada por D. Pedro ao 1º Grande Vigilante, Joaquim Gonçalves Ledo, suspendendo os trabalhos do Grande Oriente, datada de 21 de outubro, tinha o seguinte texto:

“Meu Ledo:

Convindo fazer certas averiguações tanto publicas como particulares na M.: mando primo como Imperador, segundo como G.: M.: que os trabalhos se suspendão até segunda ordem Minha. É o que tenho a participar-vos agora. Resta-me reiterar os meus protestos como I.: Pedro Guatimozin G.: M.: – S. Cristovão, 21 Obro. 1822. PS – Hoje mesmo deve ter execução e espero que dure pouco tempo a suspensão porque em breve conseguiremos o fim que deve resultar das averiguações.”

Ledo, porém, não cumpriu, imediatamente, a ordem, preferindo manter entendimentos com o Grão-Mestre, o qual, logo depois, reconhecendo, talvez, que havia tomado uma decisão precipitada, enviou, a 25 de outubro, ao seu 1º Grande Vigilante, a seguinte carta:

“Meu I.:

Tendo sido outro dia suspendidos nossos augustos trabalhos, pelos motivos que vos participei, e achando-se hoje concluidas as averiguações, vos faço saber que segunda feira que vem os nossos trabalhos devem recobrar o seu antigo vigor, começando a abertura pela G.: L.: em assembléa geral. É o que por ora tenho a participar-vos, para que passando as ordens necessarias assim o executeis. Queira o S.:A.: do U.: dar-vos fortunas imensas como vos deseja o vosso I.:P.:M.: R.: +.”

Os acontecimentos políticos, todavia, iriam se precipitar, o que acabou impedindo essa reinstalação, sendo, o Grande Oriente, fechado, definitivamente, a 25 de outubro.

NOTA: I.P.M.R + significa Irmão Pedro Maçom Rosa-Cruz. Rosa-Cruz é o sétimo grau do Rito Francês, ou Moderno, no qual funcionava o Grande Oriente Brasílico.

ANEXO II (8)

**ATA DA SESSÃO MAÇONICA DE 09/09/1822 NO GRANDE
ORIENTE BRASÍLICO.**

COMENTADO POR JOSÉ CASTELLANI

“20 do 6º mez 9 de Setembro (13) – Aberto o Gr.: O.: em Assembléa geral de todo o povo maçom.; o Ill.: Ir.: 1º Vig.: dirigiu A Aug.: asembléa um energico, nervoso e fundado discurso, ornado d’aquella eloquencia e vehemencia oratoria, que são peculiares a seu estilo sublime, inimitavel e nunca assaz louvado, e havendo elle com as mais solidas rasões demonstrado que as actuaes politicas circumstancias de nossa patria, o rico, fertil e poderoso Brazil, demandavão e exigião imperiosamente que a sua cathegoria fosse inabalavelmente firmada com a proclamação de nossa Independencia e da Realeza Constitucional na pessoa do Augusto Principe Perpetuo Defensor Constitucional do Reino do Brazil, foi a moção approvada por unanime e simultanea acclamação, expressada com o ardor do mais puro e cordial enthusiasmo patriotico. Socegado, mas não extincto o ardor da primeira alegria dos animos, por verem prestes a realisar-se os votos da vontade geral pela Independencia e engrandecimento da Patria, propoz o mesmo Ir.: 1º Vig.: que a sua moção deveria ser discutida para que aquelles, que ainda podessem ter receio de que fosse precepitada a medida de segurança e engrandecimento da Patria, que se propunha o perdessem pelos debates, de que a proclamação da Independencia do Brazil e da Realeza Constitucional na Augusta Pessoa do Principe Perpetuo Defensor do Brazil, era a ancora de salvação da Patria. Em consequencia do que sendo dado a palavra a quem quizesse especificar seus sentimentos fallarão os IIR.: – Apolonio Mollon, Camarão, Picanço, Esdras, Democrito e Caramurú (6) e – posto que todos approvarão a moção reconhecendo a necessidade imperiosa de se fazer reconhecida a Independencia do Brazil e ser acclamado Rei d’elle o Principe D. Pedro de Alcantara, seu Defensor Perpetuo e Constitucional, comtudo, como

alguns dos mesmos opinantes mostrassem desejar que fossem convidadas as outras provincias colligadas para adherirem os nossos votos, e effectuar-se em todas simultaneamente a desejada Acclamação, ficou reservada a discussão para outra assembléa geral, sendo todos os Ilr.: encarregados de dissimular e propagar a persuasão de tão necessaria medida politica. Sendo proposto por um dos Ilr.: que a doutrina politica proclamada no periodico intitulado O Regulador (2) éra subversiva dos principios constitucionaes e jurados n'esta Aug.: Ord.: emquanto pretendia fazer persuadir aos povos do Brazil principios aristocraticos, que não se compadecem com a liberdade constitucional, que os Brasileiros anhelão e que só pode fazer a sua felicidade politica, e muito mais, quando tal doutrina é diametralmente opposta ao systema constitucional abraçado, proclamado, jurado e seguido pelo Aug.: e Perpetuo Defensor do Reino do Brazil, e por tanto, só propria para nocer a seus interesses provando as asserções insidiosas do congresso de Lisbôa de que os aulicos do Rio de Janeiro pretendem restabelecer os despotismo o que é falso, e que por isso deveria ser chamado ao Gr.: Or.: em assembléa geral, o redactor d'aquelle periodico, para ser reprehendido, por procurar propagar taes principios desorganizadores, em contravenção aos juramentos que prestára n'esta Aug.: Ord.: , quando foi empossado no lugar que occupa no quadro nº1 foi approvada a proposição debaixo da comminação de penas MMAç.: no caso de desobediencia ao chamamento, ficando logo resolvido, que deveria effectuar-se o comparecimento em assembléa, que então se destinou para o dia 23 do mesmo mez, e que aquelles dos nossos Ilr.: que fosse assignantes do Regulador, enviassem immediatamente ao redactor os numeros do mesmo periodico, que tivessem, com carta em que lhe significassem que o dispensavão da continuação de

remessa dos numeros ulteriores, bem como da restituição da assignatura recebida por se contentarem conhecer um homem com tão pouca despesa (4).

Fazendo-se por fim, do solio acostumado annuncio para as proposições a bem da Ordem, concluiu o Ir.: que tomára o Gr.: Malhete, propondo a collocação de uma caixa de beneficencia na sala dos Passos perdidos, onde em todas as sessões os Iir.: que a ellas concorressem, ficassem obrigados a lançar algumas moedas em signal de sua caridade, e que fazendo-se receita em separado do producto dessa caixa, elle fosse applicado ao soccorro de viuvras necessitadas, e a educação de orphãos, carecedores de meios de frequentar as escolas de primeiras letras. Esta proposição que bem dá a conhecer a sensibilidade e humanidade do proponente foi geralmente approvada com um entusiasmo, cujos effeitos a assembléa fará sem duvida proveitosos aos objectos da mais bem empregada caridade.”

(Transcrito do Boletim Official do Grande Oriente do Brazil, Nº 10 – 3º anno – outubro de 1874)

NOTAS:

1. Como se pode notar, esse 20º dia do 6º mês maçônico do Ano da Verdadeira Luz 5822, é o dia 9 de setembro de 1822, porque o Grande Oriente Brasílico – depois, Grande Oriente do Brasil – utilizava o calendário equinocial, com base no calendário religioso hebraico, o qual iniciava o ano no dia 21 de março. O 6º mês, portanto, tinha início no dia 21 de agosto e o seu 20º dia era 9 de setembro. Por um grave erro, surgiu, no cenário maçônico nacional, a idéia de que o ano maçônico tinha início no dia 1º de

março (só mais de 30 anos depois é que isso iria acontecer) e que, portanto, o 20º dia era 20 de agosto. Daí surgiu a ufana balela de que a Maçonaria proclamou a independência antes do 7 de setembro, o que originou até um “dia do maçom”, falso pela sua origem. É claro que os fatos dessa sessão são relevantes e que os obreiros nem sabiam da proclamação do dia 7. Mas não se pode falsear a História, por ufanismo.

2. São todos nomes simbólicos, hábito comum naquela época, independentemente de ritos.

3. O Regulador, de que trata a ata, é o Regulador Brasília-Luso, depois Regulador Brasileiro, redigido pelo frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, um dos maiores intelectuais – ao lado de José Bonifácio – do Grande Oriente. Orador da Loja Comercio e Artes, foi o redator da representação dos fluminenses, no episódio do Fico (9 de janeiro de 1822) e em sua cela, no convento de Santo Antônio, reuniam-se os líderes do movimento emancipador.

4. Apesar da importância do frei Sampaio, ele foi submetido a um grande constrangimento nesse episódio, que marcou mais um ato da luta política entre os grupos de Ledo e José Bonifácio, pois sendo o Regulador um órgão oficioso do governo, defendia as idéias de Bonifácio, de uma monarquia constitucional, dentro de uma comunidade brasílico-lusa – que foi o que acabou acontecendo – em oposição às idéias do *Revérbero Constitucional Fluminense*, redigido por Ledo e pelo cônego Januário da Cunha Barbosa, as quais eram de um rompimento total dessa comunidade. O *Revérbero*, impresso nas oficinas de Moreira & Garcez, circulou de 11 de setembro de 1821 a 8 de outubro de 1822, enquanto o *Regulador*, impresso na Tipografia Nacional, surgiu a 29 de julho

de 1822. Tanto o *Revérbero* quanto o *Regulador* tiveram grande influência na campanha emancipadora. A repreensão ao frei Sampaio, todavia, sob a alegação de que o jornal feria princípios constitucionais abraçados e defendidos pelo príncipe regente – alegação estranha, pois o periódico era porta-voz do governo – mostra a luta intestina entre o grupo de Ledo, que comandava o Grande Oriente, e o de Bonifácio, pela maior influência junto ao príncipe. Os escancarados elogios a Ledo, na ata – assim como a D. Pedro – mostram bem qual era o espírito ali imperante. Na sessão seguinte, a 12 de setembro, apesar das explicações do frei, só com muito custo elas foram aceitas por Ledo, que fê-lo passar por uma grande humilhação.

OBSERVAÇÃO: Na sessão de 8 do 7º mês (28 de setembro), o Ir.: Guatimosim (D. Pedro de Alcântara) foi elevado ao grau de Cavaleiro do Oriente, o sexto do Rito Moderno; e, no dia 4 de outubro, foi colado no grau de Rosa-Cruz, o sétimo e último do Rito Moderno – no qual funcionava o Grande Oriente Brasílico – ao mesmo tempo em que assumia o Grão-Mestrado, por um golpe “de Estado” maçônico de Ledo, já que José Bonifácio presidira sessão anterior, do dia 28 de setembro e não houvera qualquer destituição do cargo, nesse intervalo de tempo. Era mais um capítulo das rusgas entre os dois grupos.

ANEXO III (5)

RESUMO DO *MANUSCRIPTUS REGIUS* EM PORTUGUÊS.

POEMA DOS DEVERES MORAIS.

(Este documento foi traduzido do inglês antigo para o francês por E.M. Carlo. O texto em português foi traduzido do francês por Elias Mansur Neto.) (5)

Conforme análises da documentação existente, o *Manuscriptus Regius* data de 1390, publicado por James Halliwell, foi mencionado em 1670 num inventário da biblioteca John Theyer. Esta foi vendida a Robert Scott (onde em 1678 foi feito um novo inventário). O manuscrito pertenceu em seguida à biblioteca Real até 1757 (daí o seu nome Regius), data em que o Rei George II doou-o ao Museu Britânico.

O Regius compõe-se de varias partes, conforme a seguir:

- A fundação da maçonaria por Euclides no Egito
- A introdução da maçonaria na Inglaterra sob o reinado de Athelstane
- Os Deveres, quinze artigos
- Os Deveres , quinze pontos
- A estória dos Quatro Coroados
- A estória da Torre de Babel
- As sete artes liberais
- Uma exortação sobre a missa e como se comportar na igreja.
- Uma instrução sobre boas maneiras

RESUMO DOS QUINZE ARTIGOS

ARTIGO I – O mestre maçom deve ser digno da confiança do seu Senhor; deve pagar aos companheiros um salário justo, com o dinheiro do seu Senhor.

ARTIGO 2 – Todo mestre maçom deve comparecer às reuniões gerais, a menos que tenha uma boa justificativa para a sua falta.

ARTIGO 3 – O mestre maçom não manterá consigo um aprendiz por um tempo superior a 07 anos e deverá alojá-lo durante a sua aprendizagem.

ARTIGO 4 – O mestre maçom não pode aceitar um escravo como aprendiz.

ARTIGO 5 – O mestre maçom não pode aceitar como aprendiz nem um “bastardo” nem alguém que apresente alguma doença ou tara.

ARTIGO 6 – O salário do aprendiz deve ser menor do que o do companheiro, mas deve ser aumentado na medida do seu progresso.

ARTIGO 7 – O mestre maçom não admitirá em seu cantaria (canteiro) nem ladrões nem assassinos.

ARTIGO 8 – O mestre maçom pode despedir de seu cantaria um operário incapaz e substituí-lo por outro.

ARTIGO 9 – O mestre maçom deve garantir a qualidade das fundações de sua obra.

ARTIGO 10 – O mestre maçom não deve jamais pegar uma obra de um outro mestre maçom, sob pena de ter que pagar uma multa de 10 libras.

ARTIGO 11 – Um maçom não trabalhará à noite, a não ser para estudar.

ARTIGO 12 – Não se deve denegrir a obra de seus companheiros.

ARTIGO 13 – O mestre maçom deve fornecer um ensinamento completo a seu aprendiz.

ARTIGO 14 – O mestre maçom somente admitirá aprendizes, se tiver tarefas suficientes a lhes confiar.

ARTIGO 15 – O mestre maçom não deve abandonar os companheiros que cometeram erros, pois ele deve também cuidar de suas almas.

RESUMO DOS QUINZE PONTOS

1º PONTO – Um profissional deve amar a Deus e a Santa Igreja, bem como a seus companheiros.

2º PONTO – Os feriados serão também pagos aos maçons.

3º PONTO – O aprendiz deve guardar segredo de tudo que seu mestre lhe disser e de tudo que ouvir em Loja.

4º PONTO – O aprendiz não deve denegrir seu ofício, nem a seu mestre ou a seus companheiros, pois está sujeito às mesmas leis que eles.

5º PONTO – Os maçons devem receber seus salários com submissão. O mestre deve dispensar um maçom antes do meio dia, caso não tenha mais tarefas a confiá-lo.

6º PONTO – Os desentendimentos entre maçons devem ser resolvidos de maneira amigável, após o trabalho ou nos feriados.

7º PONTO – Um maçom não deitará com a mulher de seu mestre nem de um companheiro.

8º PONTO – Um mestre pode nomear certos companheiros para postos de responsabilidade, para servirem de intermediários entre ele e os demais companheiros.

9º PONTO – Em seu turno, os companheiros devem servir a mesa, comprar as provisões e prestar contas de suas despesas.

10º PONTO – Um maçom não deve dar apoio àqueles que se obstinam em permanecer errando; eles serão convocados perante uma assembléia e excluídos da cantaria (canteiro).

11º PONTO – Um maçom deve corrigir amavelmente aqueles cujo trabalho apresenta erros.

12º PONTO – Em assembléia, os mestres, companheiros, comanditários e dignitários locais se entenderão, no sentido de se fazer respeitar as leis da cantaria.

13º PONTO – O maçom não deve roubar e nem ser cúmplice de quem rouba.

14º PONTO – O maçom deve jurar fidelidade a seu mestre, a seus companheiros e a seu Rei.

15º PONTO – Aquele que transgredir um destes artigos será convocado perante uma assembléia. Se persistir em seus erros, será excluído da cantaria, será preso e terá seus bens confiscados.

OS QUATRO COROADOS

“Os quatro coroados se chamavam Sèvère, Sévérien, Carpophore e Victorin. Por ordem de Diocleciano, foram espancados até a morte. Demorou muito tempo até que os nomes destes quatro mártires fossem descobertos; e a igreja, não conseguindo saber o nome destes mártires, decidiu festejá-los no mesmo dia em que outros cinco foram martirizados (dois anos mais tarde): Claude, Castor, Symphorien, Nicostrate e Simplicie. Estes cinco mártires eram escultores; e como eles recusaram esculpir um ídolo para Diocleciano, foram colocados vivos dentro de tonéis de chumbo, e jogados ao mar, no ano 287 do Senhor. Portanto, foi no dia da festa dos cinco mártires que o Papa Melchiade ordenou que fosse comemorado o dia dos quatro mártires cujo nome se desconhecia, e que foram chamados de quatro coroados. Apesar de que, posteriormente, uma revelação divina permitiu conhecer os nomes destes santos, conservou-se o nome coletivo de quatro coroados.” (de Voragine, Jacques, trad. Teodor de Wyzewa, *La légende dorée*, Paris, 1913, pp. 616-617)

“Segundo a lenda, disse Joseph Léti (*Carbonaria e Maçonaria no despertar nacional italiano*, trad. Louis Lachat, 1928, p.9), cinco maçons, que poderiam também ter sido escultores, foram mortos durante o reinado de Diocleciano por causa de sua fé cristã; eles recusaram esculpir a estátua de uma divindade pagã. Ao mesmo tempo, quatro soldados que não quiseram incensar o criador desta divindade foram passados à espada. Dos nove cadáveres que tinham sido sepultados juntos, a tradição nada conservou dos cinco primeiros e também não mencionou que os quatro outros eram centuriões que levavam na cabeça coroas que representavam a mais alta patente dos graduados da milícia.” (Boucher, Jules, *La symbolique maçonnique*, Paris 1985, pp. 82-83)

NOTAS:

Euclides: Geômetra grego. Ensinou em Alexandria sob o reinado de Ptolomeu 1º (323-283 antes de nossa era). A ele se deve os elementos que constituem a base da geometria plana.

Athelstane: Rei saxão 925-939.

Senhor: O Senhor é o comanditário da obra. No século XIV era muito freqüente a existência de cantarias (canteiros) eclesiásticas; neste caso, o Senhor era um clérigo.

ANEXO IV

ORIGINAL DO *MANUSCRIPTUS REGIUS* EM INGLÊS
ANTIGO (12)

A POEM OF MORAL DUTIES

*Hic incipiunt constitutiones artis
gemetriae secundum Eucyldem.
Whose wol bothe wel rede and loke,
He may fynde wryte yn olde boke
Of grete lordys and eke ladyysse,
That had mony chyldryn y-fere, y-wisse;
And hade no rentys to fynde hem wyth,
Nowther yn towne, ny felde, ny fryth:
A counsel togeder they cowthe hem take;*

*To ordeyne for these chyldryn sake,
How they myzth best lede here lyfe
Withoute fret desese, care and stryge;
And most for the multytude that was comynge*

*Of here chyldryn after here zyndyng.
(They) sende thenne after grete clerkys,
To techyn hem thenne gode werkys;*

*And pray we hem, for our Lordys sake,
To oure chyldryn sum werke to make,
That they myzth gete here lyvunge therby,
Bothe wel and onestlyche, ful sycurly.
Yn that tyme, throzgh good gemetry,
Thys onest craft of good masonry
Wes ordeynt and made yn thys manere,
Y-cownterfetyd of thys clerkys y-fere;
At these lordys prayers they cownter-
fetyd gemetry,*

*And zaf hyt the name of masonry,
 For the moste oneste craft of alle.
 These lordys chyldryn therto dede falle,
 To lurne of hym the craft of gemetry,
 The wheche he made ful curysly;*

*Throzgh fadrys prayers and modrys also,
 Thys onest craft he putte hem to.
 He that lerned best, and were of oneste,
 And passud hys felows yn curyste;
 Zef yn that craft he dede hym passe,
 He schulde have more worschepe then the lasse.
 Thys frete clerkys name was clept Euclyde,
 Hys name hyt spradde ful wondur wyde.
 Zet thys grete clerke more ordeynt he
 To hym that was herre yn thys degre,
 That he schulde teche the synplyst of (wytte)*

*Yn that onest craft to be parfytte;
 And so uchon schulle techyn othur,
 And love togeder as syster and brothur.*

*Forthermore zet that ordeynt he,
 Mayster y-called so schulde he be;
 So that he were most y-worschepede,
 Thenne schulde he be so y-clepede:
 But mason schulde never won other calle,*

*Withynne the craft amongus hem alle,
 Ny soget, ny servant, my dere brother,
 Thazht he be not so perfyt as ys another;*

*Uchon sculle calle other felows by cuthe,
For cause they come of ladyes burthe.
On thys maner, throz good wytte of gemetry,*

*Bygan furst the craft of masonry:
The clerk Euclyde on thys wyse hyt fonde,*

*Thys craft of gemetry yn Egypte londe.
Yn Egypte he tawzhte hyt ful wyde,
Yn dyvers londe on every syde;
Mony erys afterwarde, y understonde,
Zer that the craft com ynto thys londe,
Thys craft com ynto Englund, as y zow say,*

*Yn tyme of good kynge Adelstonus day;
He made tho bothe halle and eke bowre,
And hye templus of gret honowre,
To sportyn hym yn bothe day and nyzth,
Thys goode lorde loved thys craft ful wel,*

*And purposud to strenthyn hyt every del,
For dyvers defawtys that yn the craft he fonde;*

*He sende about ynto the londe
After alle the masonus of the crafte,
To come to hym ful evene strazfte,
For to amende these defawtys alle
By good consel, zef hyt mytzth falle.
A semble thenne he cowthe let make
Of dyvers lordis, yn here state,
Dukys, erlys, and barnes also,*

*Kynzthys, squyers, and mony mo,
 And the grete burges of that syte,
 They were ther alle yn here degre;
 These were ther uchon algate,
 To ordeyne for these masonus astate.
 Ther they sowzton by here wytte,
 How they myzthyn governe hytte:*

*Fyftene artyculus they ther sowzton
 And fyftene poyntys they wrozton.*

HIC INCIPIT ARTICULUS PRIMUS.

The furste artycul of thys gemetry:--

*The mayster mason moste be ful securly
 bothe stedefast, trusty, and trwe,
 Hyt schal hum never thenne arewe:
 And pay thy felows after the coste,
 As vytaylys goth thenne, wel thou woste;
 And pay them trwly, apon thy fay,
 What that they mowe serve fore;
 And spare, nowther for love ny drede,*

*Of nowther partys to take no mede;
 Of lord ny fellow, whether he be,
 Of hem thou take no maner of fe;
 And as a jugge stonde upryzth,
 And thenne thou dost to bothe good ryzth;*

And trwly do thys whersever thou gost,

Thy worschep, thy profyt, hyt shcal be most.

ARTICULUS SECUNDUS.

*The secunde artycul of good masonry,
As ze mowe hyt here hyr specyaly,
That every mayster, that ys a mason,
Most ben at the generale congregacyon,
So that he hyt resonably z-tolde
Where that the semble schal be holde;*

*And to that semble he most nede gon,
But he have a resenabul skwsacyon,
Or but he be unbuxom to that craft,
Or with falssehed ys over-raft,
Or ellus sekenes hath hym so stronge,
That he may not com hem amonge;
That ys a skwsacyon, good and abulle,
To that semble withoute fabulle.*

ARTICULUS TERCIVS.

*The thrydde artycul for sothe hyt uysse,
That the mayster take to no prentyysse,
but he have good seuerans to dwelle
Seven zer with hym, as y zow telle,
Hys craft to lurne, that ys profytable;*

*Withynne lasse he may not be able
To lordys profyt, ny to his owne,
As ze mowe knowe by good resowne.*

ARTICULUS QUARTUS.

*The fourthe artycul thys moste be
 That the mayster hym wel be-se,
 That he no bondemon prentys make,
 Ny for no covetyse do hym take;
 For the lord that he ys bonde to,
 May fache the prentes whersever he go.
 Zef yn the logge he were y-take,
 Muche desese hyt myzth ther make,
 And suche case hyt myzth befalle,
 That hyt myzth greve summe or alle.*

*For alle the masonus tht ben there
 Wol stonde togedur hol y-fere
 Zef suche won yn that craft schulde swelle,*

*Of dyvers desesys ze myzth telle:
 For more zese thenne, and of honeste,
 Take a prentes of herre degre.
 By olde tyme wryten y fynde
 That the prenes schulde be of gentyl kynde;*

*And so symtyme grete lordys blod
 Toke thys gemetry, that ys ful good.*

ARTICULUS QUINTUS.

*The fyfthe artycul ys swythe good,
 So that the prentes be of lawful blod;
 The mayster schal not, for no vantage,
 Make no prentes that ys outrage;*

*Hyt ys to mene, as ze mowe here,
That he have hys lymes hole alle y-fere;
To the craft hyt were gret schame,
To make an halt mon and a lame,
For an unperfyt mon of suche blod
Schulde do the craft but lytul good.
Thus ze mowe knowe everychon,
The craft wolde have a myzhty mon;
A maymed mon he hath no myzht,
Ze mowe hyt knowe long zer nyzht.*

ARTICULUS SEXTUS.

*The syzte artycul ze mowe not mysse,

That the mayster do the lord no pregedysse,
To take of the lord, for hyse prentyse,
Also muche as hys felows don, yn alle vyse.*

*For yn that craft they ben ful perfyt,
So ys not he, ze mowe sen hyt.
Also hyt were azeynus good reson,
To take hys, hure as hys felows don.*

*Thys same artycul, yn thys casse,
Juggythe the prentes to take lasse
Thenne hys felows, that ben ful perfyt.
Yn dyvers maters, conne quyte hyt,
The mayster may his prentes so enforme,
That hys hure may crese ful zurne,
And, zer hys terme come to an ende,
Hys hure may ful wel amende.*

ARTICULUS SEPTIMUS.

*The seventhe artycul that ys now here,
 Ful wel wol telle zow, alle y-fere,
 That no mayster, for favour ny drede,
 Schal no thef nowther clothe ny fede.
 Theves he schal herberon never won,
 Ny hym that hath y-quellude a mon,
 Wy thylike that hath a febul name,
 Lest hyt wolde turne the craft to schame.*

ARTICULUS OCTAVUS.

*The eghte artycul schewt zow so,
 That the mayster may hyt wel do,
 Zef that he have any mon of crafte,
 And be not also perfyt as he auzte,
 He may hym change sone anon,
 And take for hym a perfytur mon.
 Suche a mon, throze rechelaschepe,
 Myzth do the craft schert worschepe.*

ARTICULUS NONUS.

*The nynthe artycul schewet ful welle,
 That the mayster be both wyse and felle;
 That no werke he undurtake,
 But he conne bothe hyt ende and make;
 And that hyt be to the lordes profyt also,
 And to hys craft, whersever he go;
 And that the grond be wel y-take,*

That hyt nowther fle ny grake.

ARTICULUS DECIMUS.

*The then the artycul ys for to knowe,
Amonge the craft, to hye and lowe,
There schal no mayster supplante other,
But be togeder as systur and brother,
Yn thys curyus craft, alle and som,
That longuth to a maystur mason.
Ny thys curyus craft, alle and som,
That longuth to a maystur mason.
Ny he schal not supplante non other mon,*

*That hath y-take a werke hym uppon,
Yn peyne therof that ys so stronge,
That peyseth no lasse thenne ten ponge,
But zef that he be guilty y-fonde,
That toke furst the werke on honde;
For no mon yn masonry
Schal no supplante othur securly,
But zef that hyt be so y-wrozth,
That hyt turne the werke to nozth;
Thenne may a mason that werk crave,
To the lordes profzt hyt for to save;
Yn suche a case but hyt do falle,
Ther schal no mason medul withalle.
Forsothe he that begynnth the gronde,
And he be a mason goode and sonde,
For hath hyt sycurly yn hys mynde
To brynge the werke to ful good ende.*

ARTICULUS UNDECIMUS.

*The eleventh artycul y telle the,
 That he ys bothe fayr and fre;
 For he techyt, by hys myzth,
 That no mason schulde worche be nyzth,
 But zef hyt be yn practesyng of wytte,
 Zef that y cowthe amende hytte.*

ARTICULUS DUODECIMUS.

*The twelfth artycul ys of hye honeste
 To zevery mason, whersever he be;
 He schal not hys felows werk deprave,
 Zef that he wol hys honeste save;
 With honest wordes he hyt comende,
 By the wytte that God the dede sende;
 Buy hyt amende by al that thou may,
 Bytwynne zow bothe withoute nay.*

ARTICULUS XIIIJUS.

*The threttene artycul, so God me save,
 Ys, zef that the mayster a prentes have,
 Enterlyche thenne that he hym teche,
 And meserable poyntes that he hym reche,*

*That he the craft abelyche may conne,
 Whersever he go undur the sonne.*

ARTICULUS XIIIJUS.

*The fowrtene artycul, by food reson,
Schewete the mayster how he schal don;
He schal no prentes to hym take,
Byt dyvers crys he have to make,
That he may, withynne hys terme,
Of hym dyvers poyntes may lurne.*

ARTICULUS QUINDECIMUS.

*The fyftene artcul maketh an ende,
For to the maysterhe ys a frende;
To lere hym so, that for no mon,
No fals mantenans he take hym apon,
Ny maynteine hys felows yn here synne,
For no good that he myzth wynne;
Ny no fals sware sofre hem to make,
For drede of here sowles sake;
Lest hyt wolde turne the craft to schame,
And hymself to mechul blame.*

PLURES CONSTITUCIONES

At thys semble were poyntes y-ordeynt mo,

*Of grete lordys and maystrys also,
That whose wol conne thys craft and com to
astate,*

*He most love wel God, and holy churche algate,
And hys mayster also, that he ys wythe,
Whersever he go, yn fylde or frythe;
And thy felows thou love also,
For that they craft wol that thou do.*

SECUNDUS PUNCTUS.

*The secunde poynt, as y zow say,
That the mason worche apon the werk day,*

*Also trwly, as he con or may,
To deserve hys huyre for the halyday,
And trwly to labrun on hys dede,
Wel deserve to have hys mede.*

TERCIUS PUNCTUS.

*The thrydde poynt most be severele,
With the prentes knowe hyt wele,
Hys mayster conwsel he kepe and close,
And hys felows by hys goode purpose;
The prevetyse of the chamber telle he no man,*

*Ny yn the logge whatsoever they done;
Whatsoever thou heryst, or syste hem do,
Tells hyt no mon, whersever thou go;
The conwesel of halls, and zeke of bowre,*

*Kepe hyt wel to gret honowre,
Lest hyt wolde torne thyself to blame,
And brynge the craft ynto gret schame.*

QUARTUS PUNCTUS.

*The fowrthe poynt techyth us also,
That no mon to hys craft be false;
Errour he schal maynteine none*

*Azeynus the craft, but let hyt gone;
Ny no pregedysse he schal not do
To hys mayster, ny hys felows also;
And thatzth the prentes be under awe,
Zet he wolde have the same lawe.*

QUINTUS PUNCTUS.

*The fyfthe poynte ys, withoute nay,
That whenne the mason taketh hys pay
Of the mayster, y-ordent to hym,
Ful mekely y-take so most hyt byn;
Zet most the mayster, by good resone,
Warne hem lawfully byfore none,
Zef he nulle okepye hem no more,
As he hath y-done ther byfore;
Azeynus thys ordyr he may not stryve,
Zef he thenke wel for to thryve.*

SEXTUS PUNCTUS.

*The syxte poynt ys ful zef to knowe,
Bothe to hye and eke to lowe,
For such case hyt myzth befalle,
Am nge the masonus, summe or alle,
Throwghe envye, or dedly hate,
Ofte aryseth ful gret debate.
Thenne owyth the mason, zef that he may,*

*Putte hem bothe under a day;
But loveday zet schul they make none;
Tyl that the werke day be clene a-gone;*

*Apon the holyday ze mowe wel take
 Leyser y-nowzgth loveday to make,
 Lest that hyt wolde the werke day
 Latte here werke for suche afray;
 To suche ende thenne that hem drawe,
 That they stonde wel yn Goddes lawe.*

SEPTIMUS PUNCTUS.

*The seventhe poynt he may wel mene,
 Of wel longe lyf that God us lene,
 As hyt dyscryeth wel opunly,
 Thou schal not by thy maysters wyf ly,
 Ny by the felows, yn no maner wyse,
 Lest the craft wolde the despyse;
 Ny by the felows concubyne,
 No more thou woldest he dede by thyne.
 The peyne thereof let hyt be ser,
 That he prentes ful seven zer,
 Zef he forfete yn eny of hem,
 So y-chasted thenne most he ben;
 Ful mekele care myzth ther begynne,
 For suche a fowle dedely synne.*

OCTAVUS PUNCTUS.

*The eghte poynt, he may be sure,
 Zef thou hast y-taken any cure,
 Under thy mayster thou be trwe,
 For that pynt thou schalt never arewe;
 Atrwe medyater thou most nede be
 To thy mayster, and thy felows fre;*

*Do trwly al....that thou myzth,
To both partyes, and that ys good ryzth.*

NONUS PUNCTUS.

*The nynthe poynt we schul hym calle,
That he be stwarde of oure halle,
Zef that ze ben yn chambur y-fere,
Uchon serve other, with mylde chere;
Jentul felows, ze moste hyt knowe,
For to be stwardus alle o rowe,
Weke after weke withoute dowte,
Stwardus to ben so alle abowte,
Lovelyche to serven uchon othur,
As thawgh they were syster and brother;
Ther schal never won on other costage
Fre hymself to no vantage,
But every mon schal be lyche fre
Yn that costage, so moste hyt be;
Loke that thou pay wele every mon algate,*

That thou hsat y-bowzht any vytayles ate,

*That no cravynge be y-mad to the,
Ny to thy felows, yn no degre,
To mon or to wommon, whether he be,
Pay hem wel and trwly, for that wol we;
Therof on thy fellow true record thou take,*

*For that good pay as thou dost make,
Lest hyt wolde thy felowe schame,
Any brynge thyself ynto gret blame.*

*Zet good acowntes he most make
Of suche godes as he hath y-take,
Of thy felows goodes that thou hast spende,*

*Wher, and how, and to what ende;
Suche acowntes thou most come to,
Whenne thy felows wollen that thou do.*

DECIMUS PUNCTUS.

The tenthe poynt presentyeth wel god lyf,

*To lyven withoute care and stryf;
For and the mason lyve amysse,
And yn hys werk be false, y-wysse,
And thorwz suche a false skewysasyon
May sclawndren hys felows oute reson,
Throwz false sclawnder of suche fame
May make the craft kachone blame.
Zef he do the craft suche vylany,
Do hym no favour thenne securly.
Ny maynteine not hym yn wyked lyf,
Lest hyt wolde turne to care and stryf;
But zet hym ze schul not delayme,
But that ze schullen hym constrayne,
For to apere whersevor ze wylle,
Whar that ze wolen, lowde, or styлле;
To the nexte semble ze schul hym calle,
To apere byfore hys felows alle,
And but zef he wyl byfore hem pere,
The crafte he moste nede forswere;*

*He schal thenne be chastid after the lawe
That was y-fownded by olde dawe.*

PUNCTUS UNDECIMUS.

The eleventhe poynt ys of good dyscrecyoun,

*As ze mowe knowe by good resoun;
A mason, and he thys craft wel con,
That syzth hys fellow hewen on a ston,
Amende hyt sone, zef that thou con,
And teche hym thenne hyt to amende,
That the lordys werke be not y-schende,
And teche hym esely hyt to amende,
With fayre wordes, that God the hath lende;
For hys sake that sytte above,
With swete wordes noresche hym love.*

PUNCTUS DUODECIMUS.

*The twelthe poynt of gret ryolte,
Ther as the semble y-hole schal be,
Ther schul be maystrys and felows also,
And other grete lordes mony mo;
There schal be the scheref of that contre,
And also the meyr of that syte,
Knyztes and ther schul be,
And other aldermen, as ze schul se;
Suche ordynance as they maken there,
They schul maynte hyt hol y-fere
Azeynus that mon, whatsever he be,*

That longuth to the craft bothe fayr and free.

*Zef he any stryf azeynus hem make,
Ynto here warde he schal be take.*

XIIJUS PUNCTUS.

*The threnteth poynt ys to us ful luf.
He schal swere never to be no thef,
Ny soker hym yn hys fals craft,
For no good that he hath byraft,
And thou mowe hyt knowe or syn,
Nowther for hys good, ny for hys kyn.*

XIIJUS PUNCTUS.

*The fowrtethe poynt ys ful good lawe
To hym that wold ben under awe;
A good trwe othe he most ther swere
To hys mayster and hys felows that ben there;*

*He most be stedefast and trwe also
To alle thys ordynance, whersever he go,
And to hys lyge lord the kyng,
To be trwe to hym, over alle thyng.
And alle these poyntes hyr before
To hem thou most nede by y-swore,
And alle schul swere the same ogh
Of the masonus, be they luf, ben they loght,*

*To alle these poyntes hyr byfore,
That hath ben ordeynt by ful good lore.*

*And they schul enquere every mon
On his party, as wyl as he con,
Zef any mon mowe be y-fownde gulty
Yn any of these poyntes spesyal;
And whad he be, let hym be sowzht,
And to the semble let hym be browzht.*

Y chulle they ben holde throz h my londe,

*For the worsche of my rygolte,
That y have by my dygnyte.
Also at every semble that ze holde,
That ze come to zowre lyge kyng bolde,
Bysechyng hym of hys hye grace,
To stone with zow yn every place,
To conferme the statutes of kynge Adelston,*

*That he ordeydnt to thys craft by good reson,
Ars quatuor coronatorum.*

*Pray we now to God almyzht,
And to hys moder Mary bryzht,
That we mowe keepe these artyculus here,*

*And these poynts wel al y-fere,
As dede these holy martyres fowre,
That yn thys craft were of gret honoure;
They were as gode masonus as on erthe schul go,*

Gravers and ymage-makers they were also.

For they were werkemen of the beste,

*The emperour hade to hem gret luste;
 He wylnd of hem a ymage to make,
 That mowzh be worsched for his sake;
 Susch mawmetys he hade yn hys dawe,
 To turne the pepul from Crystus lawe.
 But they were stedefast yn Crystes lay,
 And to here craft, withouten nay;
 They loved wel God and alle hys lore,
 And weren yn hys serves ever more.
 Trwe men they were yn that dawe,
 And lyved wel y Goddus lawe;
 They thozght no mawmetys for to make,
 For no good that they myzth take,
 To levyn on that mawmetys for here God,*

*They nolde do so thawz he were wod;
 For they nolde not forsake here trw fay,
 An beyleve on hys falsse lay.
 The emperour let take hem sone anone,
 And putte hem ynto a dep presone;
 The sarre he penest hem yn that plase,
 The more yoye wes to hem of Cristus grace.*

*Thenne when he sye no nother won,
 To dethe he lette hem thenne gon;
 By the bok he may kyt schowe,
 In the legent of scanctorum,
 The name of quatour coronatorum.
 Here fest wol be, withoute nay,
 After Alle Halwen the eyght day.
 Ze mow here as y do rede,
 That mony zeres after, for gret drede*

*That Noees flod wes alle y-ronne,
The tower of Babyloyne was begonne,
Also playne werke of lyme and ston,
As any mon schulde loke uppon;
So long and brod hyt was begonne,
Seven myle the bezghthe schadweth the sonne.*

*King Nabogodonosor let hyt make,
To gret strenthe for monus sake,
Thazgh suche a flod azayne schulde come,*

*Over the werke hyt schulde not nome;
For they hadde so hy pride, with stronge
bost,*

*Alle that werke therfore was y-lost;
An angele smot hem so with dyveres speche,*

*That never won wyste what other schuld
reche.*

Mony eres after, the goode clerk Euclyde

Tazghthe the craft of gemetre wonder wyde,

*So he ded that tyme other also,
Of dyvers craftes mony mo.
Throzgh hye grace of Crist yn heven,
He commensed yn the syens seven;*

*Gramatica ys the furste syens y-wysse,
Dialectica the secunde, so have y blysse,*

*Rethorica the thrydde, withoute nay,
 Musica ys the fowrth, as y zow say,
 Astromia ys the V, by my snowte,
 Arsmetica the Vi, withoute dowe
 Gemetria the seventh maketh an ende,
 For he ys bothe make and hende,
 Gramer forsothe ys the rote,
 Whose wyl lurne on the boke;
 But art passeth yn hys degre,
 As the fryte doth the rote of the tre;
 Rethoryk metryth with orne speche amonge,*

*And musyke hyt ys a swete song;
 Astronomy nombreth, my dere brother,
 Arsmetyk scheweth won thyng that ys another,*

*Gemetre the seventh syens hyt ysse,
 That con deperte falshed from trewthe y-wys.*

*These bene the syens seven,
 Whose useth hem wel, he may han heaven.*

*Now dere chyl dren, by zowre wytte,
 Pride and covetyse that ze leven, hytte,
 And taketh hede to goode dyscrecyon,
 And to good norter, whersever ze com.
 Now y pray zow take good hede,
 For thys ze most kenne nede,
 But much more ze moste wyten,
 Thenne ze fynden hyr y-wryten.
 Zef the fayle therto wytte,
 Pray to God to send the hytte;*

*For Crist hymself, he techet ous
That holy churche ys Goddes hous,
That ys y-mad for nothyng ellus
but for to pray yn, as the bok tellus;
Ther the pepul schal gedur ynnē,
To pray and wepe for here synne.
Loke thou come not to churche late,
For to speke harlotrey by the gate;
Thenne to churche when thou dost fare,
Have yn thy mynde ever mare
To worschepe thy lord God bothe day and nyzth,
With all thy wyttes, and eke thy myzth.
To the churche dore when thou dost come,*

*Of that holy water ther sum thou nome,
For every drope thou felust ther
Qwenchet a venyal synne, be thou ser.
But furst thou most do down thy hode,
For hyse love that dyed on the rode.
Into the churche when thou dost gon,
Pulle uppe thy herte to Crist, anon;
Uppon the rode thou loke uppe then,
And knele down fayre on bothe thy knen;*

*Then pray to hym so hyr to worche,
After the lawe of holy churche,
For to kepe the comandementes ten,
That God zaf to alle men;
And pray to hym with mylde steven
To kepe the from the synnes seven,
That thou hyr mowe, yn thy lyve,
Kepe the wel from care and stryve,*

*Forthermore he grante the grace,
 In heven blysse to hav a place.
 In holy churche lef nyse wordes
 Of lewed speche, and fowle bordes,
 And putte away alle vanyte,
 And say thy pater noster and thyn ave;
 Loke also thou make no bere,
 But ay to be yn thy prayere;
 Zef thou wolt not thyselve pray,
 Latte non other mon by no way.
 In that place nowther sytte ny stonde,
 But knele fayre down on the gronde,
 And, when the Gospel me rede schal,
 Fayre thou stonde up fro the wal,
 And blesse the fayre, zef that thou conne,*

*When gloria tibi is begonne;
 And when the gospel ys y-done,
 Azayn thou myzth knele adown;
 On bothe thy knen down thou falle,
 For hyse love that bowzht us alle;
 And when thou herest the belle ryng
 To that holy sakerynge,
 Knele ze most, bothe zynge and olde,
 And bothe zor hondes fayr upholde,
 And say thenne yn thys manere,
 Fayr and softe, withoute bere;
 "Jhesu Lord, welcom thou be,
 Yn forme of bred, as y the se.
 Now Jhesu, for thyn holy name,
 Schulde me from synne and schame,
 Schryff and hosel thou grant me bo,*

*Zer that y schal hennus go,
And vey contrycyon of my synne,
Tath y never, Lord, dye therynne;
And, as thou were of a mayde y-bore,
Sofre me never to be y-lore;
But when y schal hennus wende,
Grante me the blysse withoute ende;
Amen! amen! so mot hyt be!
Now, swete lady, pray for me.”
Thus thou myzht say, or sum other thyng,*

*When thou knelust at the sakerynge.
For covetyse after good, spare thou nought*

To worschepe hym that alle hath wrought;

*For glad may a mon that day ben,
That onus yn the day may hym sen;
Hyt ys so muche worthe, withoute nay,
The vertu therof no mon telle may;
But so meche good doth that syht,
As seynt Austyn telluth ful ryht,
That day thou syst Goddus body,
Thou schalt have these, ful securly;-
Mete and drynke at thy nede,
Non that day schal the gnede;
Ydul othes, an wordes bo,
God forzeveth the also;
Soden deth, that ylke day,
The dar not drede by no way;
Also that day, y the plyht,
Thou schalt not lese thy eye syht;*

*And uche fote that thou gost then,
 That holy syht for to sen,
 They schul be told to stonde yn stede,
 When thou hast therto gret nede;
 That messongere, the angele Gabryelle,
 Wol kepe hem to the ful welle.
 From thys mater now y may passe,
 To telle mo medys of the masse:
 To churche come zet, zef thou may,
 And here thy masse uche day;
 Zef thou mowe not come to churche,
 Wher that ever thou doste worche,
 When thou herest to masse knylle,
 Pray to God with herte styлле,
 To zeve the part of that servyse,
 That yn churche ther don yse.
 Forthermore zet, y wol zow preche
 To zowre felows, hyt for to teche,
 When thou comest byfore a lorde,
 Yn halle, yn bowre, or at the borde,
 Hod or cappe that thou of do,
 Zer thou come hym allynge to;
 Twyes or thryes, without dowte,
 To that lord thou moste lowte;
 With thy ryzth kne let hyt be do,
 Thynowne worschepe tou save so.
 Holde of thy cappe, and hod also,
 Tyl thou have leve hyt on to do.
 Al the whyle thou spekest with hym,
 Fayre and lovelyche bere up thy chyn;
 So, after the norter of the boke,
 Yn hys face lovely thou loke.*

*Fot and hond, thou kepe ful styлле
From clawyng and trypyng, ys sckylle;
From spytyng and snyftyng kepe the also,*

*By privy avoydans let hyt go.
And zef that thou be wyse and felle,
Thou hast gret nede to governe the welle.*

*Ynto the halle when thou dost wende,
Amonges the genteles, good and hende,
Presume not to hye for nothyng,
For thyn hye blod, ny thy connynge,
Nowther to sytte, ny to lene,
That ys norther good and clene.
Let not thy cowntenans therfore abate,
Forsothe, good norter wol save thy state.
Fader and moder, whatsoever they be,
Wel ys the chyld that wel may the ,
Yn halle, yn chamber, wher thou dost gon;*

*Gode maners maken a mon.
To the nexte degre loke wysly,
To do hem reverans by and by;
Do hem zet no reverans al o-rowe,
But zef that thou do hem know.
To the mete when thou art y-sette,
Fayre and onestelyche thou ete hytte;
Fyrst loke that thyn honden be clene,
And that thy knyfe be scharpe and kene;
And kette thy bed al at thy mete,
Ryzth as hyt may be ther y-ete.
Zef thou sytte by a worththyur mon.*

*Then thy selven thou art won,
 Sofre hym fyrst to toyche the mete,
 Zer thyselſ to hyt reche.
 To the fayreſt moſſel thou myzht not ſtrike,*

*Thaght that thou do hyt wel lyke;
 Kepe thyn hondes, fayr and wel,
 From fowle ſmogynge of thy towel;
 Theron thou ſchalt not thy neſe snyte,
 Ny at the mete thy tothe thou pyke;
 To depe yn the coppe thou myzgħt not ſynke,*

*Thagh thou have good wyl to drynke,
 Leſt thyn enyn wolde wattryn therby-
 Then were hyt no curteſy
 Loke yn thy mowth ther be no mete,
 When thou begynnyst to drynke or ſpeke.*

*When thou ſyſt any mon drynkiynge,
 That taketh hed to thy carpynge,
 Sone anonn thou ſeſe thy tale,
 Whether he drynke wyn other ale.
 Loke alſo thou ſcorne no mon,
 Yn what degre thou ſyſt hym gon;
 Ny thou ſchalt no mon deprave,
 Zef thou wolt thy worschepe ſave;
 For ſuche worde myzht ther outberſte,
 That myzht make the ſytte yn evel reſte,
 Cloſe thy honde yn thy fyſte,
 And kepe the wel from “had-y-wyſte.”
 Yn chamber amonge the ladyes bryght,
 Holde thy tonge and ſpende thy ſygħt;*

*Lawze thou not with no gret cry,
Ny make no ragynge with rybody.
Play thou not buyt with thy peres,
Ny tel thou not al that thou heres;
Dyskever thou not thyn owne dede,
For no merthe, ny for no mede;*

*With fayr speceh thou myght have thy wyllle,
With hyt thou myght thy selven spyllle.
When thou metyst a worthy mon,
Cappe and hod thou holle no on;
Yn churche, yn chepyns, or yn gate,
Do hym reverans after hys state.*

*Zef thou gost with a worthyor mon,
Then thyselven thou art won,
Let thy forther schulder sewe backe,
For that ys norter withoute lacke;
When he doth speke, holte the styllle,
When he hath don, sey for thy wyllle,
Yn thy speche that thou be felle,
And what thou sayst avyse the welle;
But byref thou no hym hys tale,
Nowther at the wyn, ny at the ale.*

*Cryst then of hys hye grace,
Zeve zow bothe wytte and space,
Wel thys boke to conne and rede,
Heven to have for zowre mede.*

*Amen! amen! so mot hyt be!
Say we so alle per charyte.*

QUINDECIMUS PUNCTUS.

*The fifethe poynt ys of ful good lore,
 For hem that schul ben ther y-swore,
 Suche ordynance at the semble wes layd
 Of grete lordes and maystres byforesayd;
 For thelke that be unbuxom, y-wysse,
 Azeynus the ordynance that ther ysse
 Of these artyculus, that were y-meved there,*

*Of grete lordes and masonus al y-fere.
 And zef they ben y-preved opunly
 Byfore that semble, by an by,
 And for here gultes no mendys wol make,*

Thenne most they nede the craft they schul refuse,

*And swere hyt never more for to use.
 But zef that they wol mendys make,
 Azayn to the craft they schul never take;*

*And zef that they nul not do so,
 The scheref schal come hem sone to,
 And putte here dodyes yn duppe prison,
 For the trespasse that they hav y-don,
 And take here goodes and here cattelle
 Ynto the kynges hond, everyt delle,
 And lete hem dwelle ther full styлле,
 Tyl hyt be oure lege kynges wyлле.
*Alia ordinacio artis gematriae.**

They ordent ther a semble to be y-holde

*Every zer, whersever they wolde,
To amende the defautes, zef any where fonde*

*Amonge the craft withynne the londe;
Uche zer or thrydde zer hyt schuld be holde,
Yn every place whersever they wolde;
Tyme and place most be ordeynt also,
Yn what place they schul seemle to.
Alle the men of craft thr they most ben,
And other grete lordes, as ze mowe sen,
To mende the fautes that both ther y-spoke,*

*Zef that eny of hem ben thenne y-broke.
Ther they schullen ben alle y-swore,
That longuth to thys craftes lore,
To kepe these statutes everychon,
That ben y-ordeynt by kynge Aldelston;
These statutes that y have hyr y-fonde
Y chulle they ben holde throz h my londe,*

*For the worsche of my rygolte,
That y have by my dygnyte.
Also at every seemle that ze holde,
That ze come to zowre lyge kyng bolde,
Bysechyng hym of hys hye grace,
To stone with zow yn every place,
To conferme the statutes of kynge Adelston,*

*That he ordeydnt to thys craft by good reson,
Ars quatuor coronatorum.*

Pray we now to God almyzht,

*And to hys moder Mary bryzht,
That we mowe keepe these artyculus here,*

*And these poynts wel al y-fere,
As dede these holy martyres fowre,
That yn thys craft were of gret honoure;
They were as gode masonus as on erthe schul go,*

Gravers and ymage-makers they were also.

*For they were werkemen of the beste,
The emperour hade to hem gret luste;
He wylned of hem a ymage to make,
That mowzh be worsched for his sake;
Susch mawmetys he hade yn hys dawe,
To turne the pepul from Crystus lawe.
But they were stedefast yn Crystes lay,
And to here craft, withouten nay;
They loved wel God and alle hys lore,
And weren yn hys serves ever more.
Trwe men they were yn that dawe,
And lyved wel y Goddus lawe;
They thozght no mawmetys for to make,
For no good that they myzth take,
To levyn on that mawmetys for here God,*

*They nolde do so thawz he were wod;
For they nolde not forsake here trw fāy,
An beyleve on hys falsse lay.
The emperour let take hem sone anone,
And putte hem ynto a dep presone;*

*The sarre he penest hem yn that plase,
The more yoye wes to hem of Cristus grace.*

*Thenne when he sye no nother won,
To dethe he lette hem thenne gon;
By the bok he may kyt schowe,
In the legent of scanctorum,
The name of quatour coronatorum.
Here fest wol be, withoute nay,
After Alle Halwen the eyght day.
Ze mow here as y do rede,
That mony zeres after, for gret drede
That Noes flod wes alle y-ronne,
The tower of Babyloyne was begonne,
Also playne werke of lyme and ston,
As any mon schulde loke uppon;
So long and brod hyt was begonne,
Seven myle the hezghthe schadweth the sonne.*

*King Nabogodonosor let hyt make,
To gret strenthe for monus sake,
Thazgh suche a flod azayne schulde come,*

*Over the werke hyt schulde not nome;
For they hadde so hy pride, with stronge
bost,*

*Alle that werke therfore was y-lost;
An angele smot hem so with dyveres speche,*

*That never won wyste what other schuld
reche.*

Many eres after, the goode clerk Euclyde

Tazghte the craft of gemetre wonder wyde,

So he ded that tyme other also,

Of dyvers craftes mony mo.

Throzgh hye grace of Crist yn heven,

He commensed yn the syens seven;

Gramatica ys the furste syens y-wysse,

Dialetica the secunde, so have y blysse,

Rethorica the thrydde, withoute nay,

Musica ys the fowrth, as y zow say,

Astromia ys the V, by my snowte,

Arsmetica the Vi, withoute dowe

Gemetria the seventh maketh an ende,

For he ys bothe make and hende,

Gramer forsothe ys the rote,

Whose wyl lurne on the boke;

But art passeth yn hys degre,

As the fryte doth the rote of the tre;

Rethoryk metryth with orne speche amonge,

And musyke hyt ys a swete song;

Astronomy nombreth, my dere brother,

Arsmetyk scheweth won thyng that ys another,

Gemetre the seventh syens hyt ysse,

That con deperte falshed from trewthe y-wys.

These bene the syens seven,

Whose useth hem wel, he may han heven.

*Now dere chyldren, by zowre wytte,
 Pride and covetyse that ze leven, hytte,
 And taketh hede to goode dyscrecyon,
 And to good norter, whersever ze com.
 Now y pray zow take good hede,
 For thys ze most kenne nede,
 But much more ze moste wyten,
 Thenne ze fynden hyr y-wryten.
 Zef the fayle therto wytte,
 Pray to God to send the hytte;
 For Crist hymself, he techet ous
 That holy churche ys Goddes hous,
 That ys y-mad for nothyng e ellus
 but for to pray yn, as the bok tellus;
 Ther the pepul schal gedur ynne,
 To pray and wepe for here synne.
 Loke thou come not to churche late,
 For to speke harlotrey by the gate;
 Thenne to churche when thou dost fare,
 Have yn thy mynde ever mare
 To worschepe thy lord God bothe day and nyzth,
 With all thy wyttes, and eke thy myzth.
 To the churche dore when tou dost come,*

*Of that holy water ther sum thow nome,
 For every drope thou felust ther
 Qwenchet a venyal synne, be thou ser.
 But furst thou most do down thy hode,
 For hyse love that dyed on the rode.
 Into the churche when thou dost gon,
 Pulle uppe thy herte to Crist, anon;
 Uppon the rode thou loke uppe then,*

And knele down fayre on bothe thy knen;

*Then pray to hym so hyr to worche,
 After the lawe of holy churche,
 For to kepe the comandementes ten,
 That God zaf to alle men;
 And pray to hym with mylde steven
 To kepe the from the synnes seven,
 That thou hyr mowe, yn thy lyve,
 Kepe the wel from care and stryve,
 Forthermore he grante the grace,
 In heven blysse to hav a place.
 In holy churche lef nyse wordes
 Of lewed speche, and fowle bordes,
 And putte away alle vanyte,
 And say thy pater noster and thyn ave;
 Loke also thou make no bere,
 But ay to be yn thy prayere;
 Zef thou wolt not thyselve pray,
 Latte non other mon by no way.
 In that place nowther sytte ny stonde,
 But knele fayre down on the gronde,
 And, when the Gospel me rede schal,
 Fayre thou stonde up fro the wal,
 And blesse the fayre, zef that thou conne,*

*When gloria tibi is begonne;
 And when the gospel ys y-done,
 Azayn thou myzth knele adown;
 On bothe thy knen down thou falle,
 For hyse love that bowzht us alle;
 And when thou herest the belle ryng*

*To that holy sakerynge,
Knele ze most, bothe zynge and olde,
And bothe zor hondes fayr upholde,
And say thenne yn thys manere,
Fayr and softe, withoute bere;
"Jhesu Lord, welcom thou be,
Yn forme of bred, as y the se.
Now Jhesu, for thyn holy name,
Schulde me from synne and schame,
Schryff and hosel thou grant me bo,
Zer that y schal hennus go,
And vey contrycyon of my synne,
Tath y never, Lord, dye therynne;
And, as thou were of a mayde y-bore,
Sofre me never to be y-lore;
But when y schal hennus wende,
Grante me the blysse withoute ende;
Amen! amen! so mot hyt be!
Now, swete lady, pray for me."
Thus thou myzht say, or sum other thyng,*

*When thou knelust at the sakerynge.
For covetyse after good, spare thou nought*

To worschepe hym that alle hath wrought;

*For glad may a mon that day ben,
That onus yn the day may hym sen;
Hyт ys so muche worthe, withoute nay,
The vertu therof no mon telle may;
But so meche good doth that syht,
As seynt Austyn telluth ful ryht,*

*That day thou syst Goddus body,
 Thou schalt have these, ful securly;-
 Mete and drynke at thy nede,
 Non that day schal the gnede;
 Ydul othes, an wordes bo,
 God forzeveth the also;
 Soden deth, that ylke day,
 The dar not drede by no way;
 Also that day, y the plyht,
 Thou schalt not lese thy eye syht;
 And uche fote that thou gost then,
 That holy syht for to sen,
 They schul be told to stonde yn stede,
 When thou hast therto gret nede;
 That messongere, the angele Gabryelle,
 Wol kepe hem to the ful welle.
 From thys mater now y may passe,
 To telle mo medys of the masse:
 To churche come zet, zef thou may,
 And here thy masse uche day;
 Zef thou mowe not come to churche,
 Wher that ever thou doste worche,
 When thou herest to masse knylle,
 Pray to God with herte styлле,
 To zeve the part of that servyse,
 That yn churche ther don yse.
 Forthermore zet, y wol zow preche
 To zowre felows, hyt for to teche,
 When thou comest byfore a lorde,
 Yn halle, yn bowre, or at the borde,
 Hod or cappe that thou of do,
 Zer thou come hym allynge to;*

*Twyes or thryes, without dowte,
To that lord thou moste lowte;
With thy ryzth kne let hyt be do,
Thynowne worschepe tou save so.
Holde of thy cappe, and hod also,
Tyl thou have leve hyt on to do.
Al the whyle thou spekest with hym,
Fayre and lovelyche bere up thy chyn;
So, after the norter of the boke,
Yn hys face lovely thou loke.
Fot and hond, thou kepe ful styllle
From clawynge and trypynge, ys sckylle;
From spyttynge and snyftyng kepe the also,*

*By privy avoydans let hyt go.
And zef that thou be wyse and felle,
Thou hast gret nede to governe the welle.*

*Ynto the halle when thou dost wende,
Amonges the genteles, good and hende,
Presume not to hye for nothyng,
For thyn hye blod, ny thy connynge,
Nowther to sytte, ny to lene,
That ys norther good and clene.
Let not thy cowntenans therfore abate,
Forsothe, good norter wol save thy state.
Fader and moder, whatsever they be,
Wel ys the chyld that wel may the ,
Yn halle, yn chamber, wher thou dost gon;*

*Gode maners maken a mon.
To the nexte degre loke wysly,*

*To do hem reverans by and by;
 Do hem zet no reverans al o-rowe,
 But zef that thou do hem know.
 To the mete when thou art y-sette,
 Fayre and onestelyche thou ete hytte;
 Fyrst loke that thyn honden be clene,
 And that thy knyff be scharpe and kene;
 And kette thy bed al at thy mete,
 Ryzth as hyt may be ther y-ete.
 Zef thou sytte by a worththyur mon.
 Then thy selven thou art won,
 Sofre hym fyrst to toyche the mete,
 Zer thysself to hyt reche.
 To the fayrest mossel thou myzht not strike,*

*Thaght that thou do hyt wel lyke;
 Kepe thyn hondes, fayr and wel,
 From fowle smogyng of thy towel;
 Theron thou schalt not thy nese snyte,
 Ny at the mete thy tothe thou pyke;
 To depe yn the coppe thou myzght not synke,*

*Thagh thou have good wyl to drynke,
 Lest thyn enyn wolde wattryn therby-
 Then were hyt no curtesy
 Loke yn thy mowth ther be no mete,
 When thou begynnyst to drynke or speke.*

*When thou syst any mon drynkiyng,
 That taketh hed to thy carpyng,
 Sone anon thou sese thy tale,
 Whether he drynke wyn other ale.*

*Loke also thou scorne no mon,
Yn what degre thou syst hym gon;
Ny thou schalt no mon deprave,
Zef thou wolt thy worschepe save;
For suche worde myzht ther outberste,
That myzht make the sytte yn evel reste,
Close thy honde yn thy fyfte,
And kepe the wel from "had-y-wyste."
Yn chamber amonge the ladyes bryght,
Holde thy tonge and spende thy syght;
Lawze thou not with no gret cry,
Ny make no ragynge with rybody.
Play thou not buyt with thy peres,
Ny tel thou not al that thou heres;
Dyskever thou not thyn owne dede,
For no merthe, ny for no mede;*

*With fayr speceh thou myght have thy wyllle,
With hyt thou myght thy selven spylle.
When thou metyst a worthy mon,
Cappe and hod thou holle no on;
Yn church, yn chepyns, or yn gate,
Do hym reverans after hys state.*

*Zef thou gost with a worthyor mon,
Then thyselfen thou art won,
Let thy forther schulder sewe backe,
For that ys norter withoute lacke;
When he doth speke, holte the stylle,
When he hath don, sey for thy wyllle,
Yn thy speche that thou be felle,
And what thou sayst avyse the welle;*

*But byref thou no hym hys tale,
Nowther at the wyn, ny at the ale.*

*Cryst then of hys hye grace,
Zeve zow bothe wytte and space,
Wel thys boke to conne and rede,
Heven to have for zowre mede.*

*Amen! amen! so mot hyt be!
Say we so alle per charyte.*

Na idade média, quando a educação era privilégio dos nobres, a maçonaria, que funcionava como uma espécie de sindicato profissional, procurava educar os trabalhadores (artesãos, pedreiros, etc.) tanto profissional, como socialmente.

A rígida estrutura de classes da época, constituída de Reis, Nobres, Senhores Feudais, Plebe e Escravos, foi abalada pelos Sindicatos dos Pedreiros Livres (os maçons). Estes construtores de Catedrais, Palácios, Pontes etc., possuíam conhecimentos que a maioria das pessoas da época não tinham, pois a maçonaria era também uma escola, onde se ensinava a geometria, a arte de construir e o companheirismo. A instituição vem transmitindo aos seus membros normas de conduta social baseadas nos princípios da IGUALDADE, LIBERDADE E FRATERNIDADE, que na realidade são os fins supremos da maçonaria.

Nesta obra, Elias Mansur Neto analisa as atitudes da maçonaria no passado e no presente; faz perguntas inquietantes sobre o que será a Maçonaria no novo milênio, tendo em vista suas responsabilidades sociais e políticas para com a sociedade humana.

